

**UNIVERSIDADE DE SANTO AMARO**

**Comunicação Social – Jornalismo**

**Wagner César Fernandes**

**SÍNDROME DE DIÓGENES – À DERIVA DA SOCIEDADE: ANÁLISE  
QUALI-QUANTITATIVA DA COBERTURA JORNALÍSTICA NA  
INTERNET E TV ABERTA**

**São Paulo**

**2016**

**Wagner César Fernandes**

**SÍNDROME DE DIÓGENES – À DERIVA DA SOCIEDADE: ANÁLISE  
QUALI-QUANTITATIVA DA COBERTURA JORNALÍSTICA NA  
INTERNET E TV ABERTA**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação em Comunicação Social da Universidade de Santo Amaro como quesito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo.

Orientador: Prof. Me Mauricio Capela

**São Paulo**

**2016**

# **SÍNDROME DE DIÓGENES - À DERIVA DA SOCIEDADE: ANÁLISE QUALI-QUANTITATIVA DA COBERTURA JORNALÍSTICA NA INTERNET E TV ABERTA**

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social da Universidade de Santo Amaro – UNISA, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

---

Wagner César Fernandes

Monografia aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

Prof. Me Maurício Capela  
Orientador

1º Examinador: \_\_\_\_\_

Profª. Me Flavia Delgado

2º Examinador: \_\_\_\_\_

Prof. Me Piero Sbragia

---

Profª. Amanda Yara generoso (UNISA)  
Coordenadora do Curso

Conceito final: \_\_\_\_\_

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus que iluminou meu caminho durante essa caminhada.

A minha esposa Cristilene que me apoiou nos momentos de maior dificuldade.

A minha irmã Célia que foi minha grande inspiração para enfrentar uma graduação.

Aos meus amigos de curso que comigo vão deixar suas marcas na Universidade de Santo Amaro.

Aos meus mestres que direta ou indiretamente me ajudaram a compreender o mundo do jornalismo.

Aos meus orientadores que com paciência me conduziram ao final deste trabalho.

A todos que acreditaram em mim.

Ando devagar porque já tive pressa  
Levo esse sorriso porque já chorei demais  
Hoje me sinto mais forte, mais feliz, quem sabe?  
Só levo a certeza de que muito pouco eu sei  
Ou nada sei.

Conhecer as manhas e as manhãs,  
O sabor das massas e das maçãs,  
É preciso amor pra poder pulsar,  
É preciso paz pra poder sorrir,  
É preciso a chuva para florir

Penso que cumprir a vida seja simplesmente  
Compreender a marcha e ir tocando em frente  
Como um velho boiadeiro levando a boiada  
Eu vou tocando os dias pela longa estrada eu vou  
Estrada eu sou.

Conhecer as manhas e as manhãs,  
O sabor das massas e das maçãs,  
É preciso amor pra poder pulsar,  
É preciso paz pra poder sorrir,  
É preciso a chuva para florir.

Todo mundo ama um dia todo mundo chora,  
Um dia a gente chega, no outro vai embora  
Cada um de nós compõe a sua história  
Cada ser em si carrega o dom de ser capaz  
De ser feliz.

Conhecer as manhas e as manhãs  
O sabor das massas e das maçãs  
É preciso amor pra poder pulsar,  
É preciso paz pra poder sorrir,  
É preciso a chuva para florir.

Ando devagar porque já tive pressa  
E levo esse sorriso porque já chorei demais  
Cada um de nós compõe a sua história,  
Cada ser em si carrega o dom de ser capaz  
de ser feliz.

Conhecer as manhas e as manhãs,  
O sabor das massas e das maçãs,  
É preciso amor pra poder pulsar,  
É preciso paz pra poder sorrir,  
É preciso a chuva para florir.

**Tocando em Frente**  
**Almir Sater**  
**Compositor: Renato Teixeira**

## RESUMO

Esta monografia apresenta um estudo da cobertura jornalística dos meios de comunicação no Brasil, entre 01/01/2014 e 31/08/2016, sobre a Síndrome de Diógenes, que também recebe os nomes de Transtorno de Acumulação e Acumulação Compulsiva. O estudo tem o objetivo de verificar as possíveis dificuldades que o jornalismo enfrenta para tratar de temas sobre saúde, por meio de análise quali-quantitativa de reportagens exibidas sobre o assunto em cinco canais de TV aberta (Globo, Record, SBT, Band e Rede TV!) e em cinco grandes portais de notícias do Brasil (G1, UOL, R7, Terra e IG). Além disso, este trabalho se propõe a entrevistar jornalistas que cobrem notícias sobre saúde no País.

**Palavras-chave:** Síndrome de Diógenes, Jornalismo, Televisão, Internet, Análise.

## **ABSTRACT**

This monograph presents a journalistic coverage of media study in Brazil, between 01/01/2014 and 31/08/2016 on the Diogenes syndrome, which also receives Disorder names and Accumulation Compulsive accumulation. The study aims to verify the possible difficulties that journalism faces to address issues of health, through qualitative and quantitative analysis of reports displayed on the subject in five channels of broadcast TV (Globo, Record, SBT, Band and Network TV!) and five major news portals in Brazil (G1, UOL, R 7, Terra and IG). In addition, this study aims to interview journalists covering health news about the country.

**Keywords:** Diogenes syndrome, Journalism, TV, Internet, Analysis.

# SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>08</b>
<b>2. JORNALISMO CIENTÍFICO.....</b>	<b>13</b>
2.1. Da Europa até o Brasil.....	13
2.2. Jornalismo Científico no Brasil.....	15
2.3. Jornalismo de saúde.....	17
<b>3. COBERTURA JORNALÍSTICA DA SÍNDROME DE DIÓGENES.....</b>	<b>23</b>
3.1. Cobertura jornalística da Síndrome de Diógenes na internet.....	27
3.1.1. Portal G1.....	28
3.1.2. Portal UOL.....	29
3.1.3. Portal R7.....	32
3.1.4. Portal Terra.....	32
3.1.5. Portal IG.....	33
3.2. Cobertura jornalística da Síndrome de Diógenes da TV aberta.....	34
3.2.1 SBT e Band.....	35
3.2.2 Rede TV!.....	36
3.2.3 TV Record.....	38
3.2.4 TV Globo.....	43
<b>4. CONCLUSÃO.....</b>	<b>51</b>
<b>5. CRONOGRAMA COM DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES PROGRAMADAS.....</b>	<b>55</b>
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>56</b>
<b>7. REFERÊNCIAS WEBGRÁFICAS.....</b>	<b>57</b>
<b>8. ANEXOS.....</b>	<b>59</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Esta monografia é voltada para pesquisa quali-quantitativa sobre a cobertura jornalística da Síndrome de Diógenes nos meios de comunicação. O tema deste estudo é “Síndrome de Diógenes: à deriva da sociedade: Análise quali-quantitativa da cobertura jornalística na internet e TV aberta”. As plataformas escolhidas para as análises são a internet e a TV aberta.

Para tanto, o estudo analisa o período entre 01/01/2014 a 31/08/2016. Nesse sentido, buscou-se identificar a existência (ou não) de superficialidade na abordagem do assunto em reportagens exibidas na TV aberta, levando em consideração as características jornalísticas apresentadas em cada cobertura. As emissoras escolhidas foram: TV Globo, TV Record, SBT, Band e Rede TV!. Já na plataforma de internet foram escolhidos os portais de notícias: G1, UOL, R7, Terra e IG.

Para se chegar às reportagens na TV aberta, houve a necessidade de pesquisa por meio do acervo disponível nos portais das emissoras. Segundo Rosália Duarte:

[...] pesquisas de cunho qualitativo exigem a realização de entrevistas, quase sempre longas e semi-estruturadas. Nesses casos, a definição de critérios segundo os quais serão selecionados os sujeitos que vão compor o universo de investigação é algo primordial, pois interfere diretamente na qualidade das informações a partir das quais será possível construir a análise e chegar à compreensão mais ampla do problema delineado. A descrição e delimitação da população base, ou seja, dos sujeitos a serem entrevistados, assim como o seu grau de representatividade no grupo social em estudo, constituem um problema a ser imediatamente enfrentado, já que se trata do solo sobre o qual grande parte do trabalho de campo será assentado. (DUARTE, 2002, p. 141).

A escolha das duas plataformas se deu pelo alcance de público. Segundo a Agência Brasil<sup>1</sup>, referente a 2014, 97,1% dos domicílios brasileiros têm acesso à TV aberta, o que representa aproximadamente 67 milhões de casas.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-04/ibge-embardada-ate-amanha-10h-0604>>. Acesso em 01 de julho de 2016 às 10h30.

“Depois da tv muitas coisas já não funcionam tão bem. Tanto o cinema como as revistas de âmbito nacional foram duramente golpeados por esse novo meio. Até as estórias em quadrinhos declinaram bastante. Antes da TV, o fato de Joãozinho não ler causava muita preocupação; depois da TV, Joãozinho passou a dispor de todo um novo conjunto de percepções.” (MACLUHAN, 1969, p. 210).

Concomitantemente, de acordo com pesquisa realizada pelo Ibope<sup>2</sup>, entre janeiro e julho de 2015, 103 milhões de brasileiros acessaram à internet por meio de computador, em casa ou no trabalho. A pesquisa também revelou que mais de 72 milhões de pessoas acessaram a internet no Brasil, no mesmo período, por meio de smartphones. Esses dados corroboram para a análise deste ambiente.

Durante o estudo, foi possível se apoiar em algumas obras relacionadas à pesquisa e jornalismo. O trabalho de Eduardo Ritter (2011), cujo tema é “New Journalism: O Ponto de Convergência entre jornalismo e literatura”<sup>3</sup>, fruto de uma pesquisa apresentada pelo jornalista no Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, pela Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação), realizado em Londrina, entre 28 e 28 de maio de 2011, servirá como base para entender as nuances da linguagem jornalística.

Outro aspecto que poderia ser apontado como uma dicotomia entre o jornalismo e a literatura é a noção de objetividade e credibilidade, pois, na literatura, habita o espaço permissivo da ficcionalidade. No entanto, no que se refere à linguagem, a literatura pode possuir, sim, como objetivo, a transmissão de uma ficção como se ela fosse o mais real possível, valendo-se, assim, da linguagem clara e objetiva do jornalismo. (RITTER, 2011, p. 6)

O trabalho do jornalista Nelson Traquina (2005), em “Teorias do Jornalismo”, permanece atual e ajuda a contextualizar os valores-notícia e os critérios de

---

<sup>2</sup> Disponível em: <<http://www.nielsen.com/br/pt/press-room/2015/Brasileiros-com-internet-no-smartphone-ja-sao-mais-de-70-milhoes.html>>. Acesso em 01 de julho de 2016 às 10h00.

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2011/resumos/R25-0202-1.pdf>>. Acessado em 28 de agosto de 2016 as 12h30.

noticiabilidade com a abordagem do tema feita pelos veículos midiáticos. Traquina diz que “[...] são incluídos no noticiário os acontecimentos noticiosos que julgam ser de maior interesse para o maior número de público. Temos aqui o problema do sensacionalismo, acentuado ainda mais pela lógica da concorrência.” (TRAQUINA, 2005, p. 158).

As obras de Rosália Duarte (2002), “Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo”, de Mirian Goldenberg (2004), “A arte de pesquisar” e de Sérgio Vasconcelos Luna (1997), “Planejamento de pesquisa: elementos para uma análise metodológica” contribuirão na construção das pesquisas qualitativas e quantitativas que foram utilizadas durante este trabalho monográfico.

Por meio das obras, é possível construir hipóteses e reflexões (DUARTE, 2002), se esforçar para conter a subjetividade (GOLGENBERG, 2004) e interpretar a realidade pesquisada (LUNA, 1997).

Já os livros de Warren Burkett (1990) “Jornalismo científico: como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação” e de Fabiana de Oliveira (2010) “Jornalismo Científico”, auxilia no entendimento da história do jornalismo científico no mundo e no Brasil, objeto de estudo.

O casamento maior da ciência e do jornalismo se realiza quando a primeira, que busca conhecer a realidade por meio do entendimento da natureza das coisas, encontra no segundo fiel tradutor, isto é, o jornalismo que usa a informação científica para interpretar o conhecimento da realidade. (OLIVEIRA, 2010, p. 39).

Para entender as diferentes plataformas disponíveis para comunicação, sobretudo para o jornalismo, os trabalhos de autoria de Henry Jenkins (2015), “Cultura da Convergência”, de Marshall McLuhan(1969), “Os meios são as mensagens”, de Edson Fernando Dalmonte (2009), “Pensar o discurso no webjornalismo: temporalidade, paratexto e comunidades de experiência”, foram fundamentais para qualidade da produção deste trabalho.

O discurso midiático, a depender da realidade material de seu suporte, pode estabelecer tipos específicos de contato com o co-enunciador. No caso do telejornal, a apresentação da matéria significativa passa necessariamente pelo âncora, que do estúdio simula um contato direto com o telespectador, tratado como individualmente. É esse um dos dispositivos de enunciação dos gêneros televisivos e, especialmente, do telejornal, e sua base está na simulação de contato. (DALMONTE, 2009, p. 69).

Conhecer alguns trabalhos de importantes comunicadores deu a este estudo uma importante base teórica. Por isso, o estudo acredita que a leitura dos livros de Caco Barcelos (Rota 66), Eduardo Belo (Livro-Reportagem), Carlos Dorneles (Bar Bodega), Alex Robeiro (Caso Escola Base), Edvaldo Pereira Lima (O que é livro-reportagem), Nilson Lage (A Reportagem), José Marques de Melo (Jornalismo: Compreensão e Reinvenção) e de Ricardo Kotscho (A prática da reportagem) auxiliaram na aproximação do universo prático do jornalístico.

Faz-se necessário destacar ainda dois livros. O primeiro é de autoria da jornalista Roxana Tabakman (2013), “A Saúde na Mídia”, que ajudou esta pesquisa a compreender as dificuldades que o jornalismo de saúde atual encontra para se estruturar no Brasil.

A necessidade de explicar os termos da área é talvez o maior diferencial do jornalismo de saúde. Quando os jornalistas se afogam na informação técnica e os médicos demonstram não ter consciência da importância da comunicação pública, o leitor é quem paga o preço. (TABAKMAN, 2013, p. 63).

O segundo é de autoria de Nemézio Amaral Filho (2011), “O passo a passo da monografia em jornalismo”, que foi fundamental para estruturação do trabalho.

Na fundamentação teórica, nosso esforço precisa ser ainda maior na tarefa de ‘costura’, de pôr o cimento que vai unir cada ‘tijolo de texto’. Tudo isso porque será necessário olhar nosso objetivo a partir de uma teoria, a partir de um aspecto dessa teoria ou de mais de uma teoria. (AMARAL FILHO, 2011, p. 49)

Este trabalho também realizou entrevistas com Roxana Tabakman (ANEXO A), e Cristiane Segatto (ANEXO B), colunista da Revista Época. Estas atualizarão o entendimento sobre o trabalho jornalístico científico no Brasil, sobretudo os que focam em temas sobre saúde.

A concepção deste trabalho nasceu na aparente pequena cobertura do assunto nos meios de comunicação, sobretudo na internet e na televisão aberta. Para isso, a seguinte pergunta foi feita: Em que pesem o fato do gradativo aumento da expectativa de vida do brasileiro, o aumento substancial da população idosa no Brasil (a partir de 60 anos, hoje, somam mais de 20,5 milhões de pessoas, segundo o IBGE) e, por consequência, o aumento dos portadores da Síndrome de Diógenes, como tem sido a qualidade da cobertura da imprensa brasileira, mais especificamente na internet e na TV aberta sobre o tema?

A pesquisa investigará a aparente inexistência de interesse por parte da mídia, no que se concerne ao tema, que pode ser evidenciado pelo fato de a Síndrome de Diógenes ainda ser um assunto relativamente novo entre a comunidade acadêmico-científica no Brasil. Isso faz com que o assunto não seja colocado em evidência, sobretudo nos meios de comunicação. Atualmente, é possível observar que as gestões públicas investem em problemas imediatos de saúde pública, como se pode verificar em epidemias como o Zika Vírus, Dengue e Chikungunya, por exemplo. Por não terem grande exposição, ao que parece, doenças psiquiátricas estão longe de constituírem prioridade de cobertura no meio jornalístico.

Entre os objetivos específicos, este trabalho procurou analisar a cobertura jornalística sobre o tema nos principais veículos de comunicação no Brasil; pesquisar a existência de dados sobre a doença no Brasil, por meio dos principais órgãos de governos estaduais e em artigos científicos; estabelecer relações e diferenças da cobertura jornalística do tema por meio de análise de discurso; amplificar a visão do leitor sobre o tema, colaborando para o entendimento do assunto; exercitar a linguagem jornalística.

Diante do exposto, será possível concluir, ao final deste trabalho, se a cobertura jornalística sobre a Síndrome de Diógenes obedece aos critérios jornalísticos, que serão confrontados no decorrer deste trabalho monográfico.

## 2. O JORNALISMO CIENTÍFICO

### 2.1 Da Europa até o Brasil

Segundo a jornalista Fabiana de Oliveira, no livro de sua autoria (Jornalismo Científico”, existe a possibilidade de a comunicação científica ter tido seu início junto com a invenção da prensa móvel, no século 15 (OLIVEIRA, 2006). Mas, oficialmente, segundo Burkett, seu início aconteceu um século após a prensa:

[...] deriva de um sistema de comunicação secular. Teve seu início no século XVI quando os primeiros cientistas se defrontavam com a censura e suas atividades pela Igreja e pelo Estado. Encontravam-se às escondidas em várias cidades para informarem uns aos outros sobre suas descobertas relativas à nova filosofia natural. Das reuniões desses grupos de elite, que compreendia nobres, eruditos, artistas e mercadores, brotou a tradição da comunicação aberta e oral sobre assuntos científicos. (BURKETT, 1990, p. 27).

Esses encontros continuaram por mais um século, até que um profissional passou a escrever sobre ciência. Foi neste momento que nascia o jornalismo científico, de acordo com Burkett:

Foi Oldenburg quem inventou o jornalismo científico. Ele deu início a publicação Philosophical Transactions, período da Royal Society, em março de de 1665, com seu próprio esforço. Através do domínio de vários idiomas, Oldenburg pôde traduzir textos de várias fontes para publicação em inglês e latim [...]. (BURKETT, 1990, p. 28).

Fabiana de Oliveira, em seu livro “Jornalismo Científico” (2006, p. 17) explica que a “[...] revolução científica, fenômeno particularmente europeu, que se expande ao longo dos séculos XVI e XVII [...]”, teve continuidade, na “[...]Europa iluminista nos posteriores séculos XVIII e XIX [...]”.

Se a Europa iniciou a comunicação científica, era necessário que na América as informações também fossem disseminadas. Porém, nos Estados Unidos, o jornalismo científico, incentivado pelo conhecimento tecnológico e científico, alcançou um de seus grandes momentos na Primeira Guerra Mundial (OLIVEIRA, 2006), pois

o aumento de informações sobre ciência e tecnologia, ainda mais em um momento de importância mundial, precisava ser transmitido.

Desde a veiculação das primeiras notícias científicas nos Estados Unidos na década de 1920, a área teve uma evolução considerável, até desembocar no ano de 1934, com a criação da Associação Nacional de Escritores de Ciência, em inglês National Association of Science Writers (NASW). O objetivo, segundo era a promoção e a interpretação da informação sobre ciência (OLIVEIRA, 2006). Já aqui no Brasil, a informação científica demorou um pouco mais, de acordo com Oliveira:

Enquanto na Europa e nos Estados Unidos o século XIX foi marcado como período de grande efervescência da divulgação da ciência e do jornalismo científico, no Brasil a corte portuguesa se instalou no início do século e só então resolveu *suspender* a proibição de imprimir livros e jornais. O país vivia, até essa época, no total obscurantismo beletrista. A leitura e os estudos eram privilégio dos filhos da nobreza, que podiam se dar ao luxo de estudar na Europa. Escolas de nível superior só surgiram na segunda metade do século XIX e as primeiras universidades, na década de 1930. (OLIVEIRA, 2006, p. 25).

Para que a ciência tivesse cobertura da área jornalística no Brasil, dado ao fato de haver cerceamento da liberdade de expressão no País, alguns anos se passaram. Apenas na década de 1940 foram iniciados os primeiros trabalhos científicos, de acordo com Oliveira:

[...] a partir de meados da década de 1940 que a ciência brasileira entrou definitivamente na agenda do governo e da sociedade. A instituição da ciência no Brasil operou-se, como em outros países, bastante influenciada pelo término da Segunda Guerra Mundial e pelo grande impacto que a força do avanço tecnológico demonstrada pelos aliados causou em todo o mundo. O primeiro fato marcante foi a criação, em 1948, da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). (OLIVEIRA, 2006, p. 25).

Portanto, é possível afirmar que o Brasil ainda é muito novo cobertura de notícias sobre ciência. Para efeito de comparação, enquanto nos Estados Unidos já

se criava, em 1934, a Associação Nacional de Escritores de Ciência, aqui no Brasil, apenas em 1951, aconteceu a criação do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq). Este, segundo Oliveira (2006, p. 27) “representou o primeiro esforço significativo nacional de regulamentar a ciência e a tecnologia no país”.

## 2.2 Jornalismo Científico no Brasil

Mesmo com a criação de entidades como CNPq, houve grandes barreiras para o trabalho jornalístico científico no Brasil, sobretudo durante o período militar, que se instalou no País de 1964 até 1984. Mas as limitações para a comunicação científica não se limitaram ao período militar. Antes disso houve pouca evolução na área profissional, como diz Oliveira:

Mas não devemos jamais minimizar o imenso prejuízo cultural, ético e intelectual que os séculos de cerceamento à liberdade de expressão causaram à evolução da sociedade brasileira. O jornalismo científico durante o governo militar, por exemplo, seguiu à risca a batuta dos censores, divulgando com ufanismo os grandiosos feitos da época – a Transamazônica, as grandes hidrelétricas, as indústrias bélicas (hoje quase todas extintas), o programa nuclear e o aeroespacial. As entidades de pesquisa governamentais tinham projetos definidos e verbas alocadas (bem ou mal) sem participação alguma da opinião do Congresso e muito menos da sociedade, que, mal informada, jamais influenciou. (OLIVEIRA, 2006, p. 28).

É preciso destacar, segundo a jornalista Fabiana de Oliveira, alguns divulgadores de ciência brasileiros. Como exemplo, o autor do livro “Os Sertões”, Euclides da Cunha, que era jornalista e por meio da obra incitava a reflexões sobre o meio ambiente, como quando ele aborda temas sobre clima e natureza. Além deste, Oliveira também destaca o jornalista, também médico e pesquisador José Reis, fundador da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, que desempenhou importante papel no meio jornalístico científico nos jornais Folha da Manhã, Folha da

Tarde e Folha da Noite, que após a junção, formaram Folha de São Paulo (OLIVEIRA, 2006).

O trabalho e esforço de profissionais como José Reis daria um passo ainda maior a partir da criação da Associação Brasileira de Jornalismo Científico (ABJC), em 1977, por ele e outros 14 fundadores (OLIVEIRA, 2006). Com a ABJC profissionais jornalistas tiveram oportunidade de participar de (OLIVEIRA, 2006, p. 33) “[...] congressos, seminários, debates, palestras, cursos, visitas técnicas a instituições de pesquisa e desenvolvimento tecnológico, com o objetivo de promover e incentivar a divulgação da ciência e tecnologia no Brasil.”

Sem acesso à internet, que disponibiliza ao leitor encontrar notícias sobre ciência de forma rápida, como temos hoje, as informações eram encontradas em revistas, como por exemplo: Ciência Hoje (SBPC), Ciência Ilustrada (Editora Abril), Globo Ciência, Superinteressante, Revista Brasileira de Tecnologia (CNPq). Na TV alguns programas também foram criados para um público seletivo, como o “Globo Ciência” da TV Globo e o “Estação Ciência” da extinta TV Manchete (OLIVEIRA, 2006). Nos jornais, editoriais que tratavam de assuntos relacionados à ciência começaram a surgir apenas na década de 1990, de acordo com Oliveira:

No início dos anos 90, as editoriais dos grandes jornais estavam se estruturando e abrindo cada vez mais espaço para a produção jornalística nas áreas científica e tecnológica, apesar de, na maioria das vezes, privilegiarem material de conteúdo internacional, sobretudo de fontes americanas de notícias. (OLIVEIRA, 2006, p. 36).

Ao abordar a história do jornalismo científico no Brasil, é preciso apontar as dificuldades que os profissionais enfrentam para cobrir ciência. Sem isto, o trabalho monográfico se tornaria incompleto

Sobre algumas dessas dificuldades, Oliveira diz:

O jornalista da área científica esbarra em dificuldades como o difícil acesso às fontes, pois as entidades e a própria comunidade científica,

de modo geral, ainda não levam em conta o papel estratégico que a comunicação com o público representa para a própria sobrevivência, salvo raras exceções. Por década estiveram acomodadas ao fluxo, contínuo ou não, de recursos financeiros providos pelos poderes públicos, independentemente da opinião pública das demandas sociais. [...] (OLIVEIRA, 2006, p. 37).

Outros impedimentos ao trabalho do jornalista de saúde serão abordados nesta monografia a seguir.

### **2.3 Jornalismo de Saúde**

A jornalista Roxana Tabakman (2013, p.10) diz que “[...] talvez, pela própria juventude do jornalismo de saúde muitos fatores atentam contra sua qualidade [...].” Para ela, recorrer a espetacularização compromete a qualidade da informação. Além disso também cita em seu livro “A Saúde na Mídia” problemas como ingenuidade do profissional frente às informações que não são comuns e a falta de capacidade do jornalista em cobrir alguns assuntos, sem a devida preparação e pesquisa (TABAKMAN, 2013). Estas e outras barreiras no jornalismo de saúde (e para o jornalista de saúde) serão abordadas neste capítulo.

Até aqui, é possível inferir que o jornalismo de saúde está ligado ao jornalismo científico, que por sua vez pode esbarrar em algumas dificuldades com relação à busca de fontes, que geralmente tem alto grau de conhecimento no assunto abordado, como diz Bertolli:

[...] é comum também ouvir-se queixas dos jornalistas em relação aos cientistas. As mais frequentes delas referem-se às dificuldades de agendamento de entrevistas com os pesquisadores mais destacados e que, quando estas ocorrem, o entrevistado monopoliza a palavra, pouco levando em consideração as perguntas que lhe são dirigidas, que não abrem mão de explicações complexas e do uso de terminologias científicas que não são elucidadas no momento

oportuno e até mesmo de machismo ou paternalismo. Tais circunstâncias fomentam a ocorrência de situações patéticas; recentemente em um canal a cabo, um renomado físico foi praticamente tirado do ar no meio de suas explanações sobre a produção e distribuição de energia elétrica porque o entrevistado não respeitou o tempo que lhe foi concedido. Em outra situação, confidenciada por uma comunicadora, a profissional foi chamada de “burra” por um entrevistado pelo simples fato de ter declarado que não estava conseguindo acompanhar a linha de raciocínio adotada pelo pesquisador. (BERTOLLI FILHO, 2006, p. 13)

Para isso é necessário que o jornalista que cobre saúde tenha consciência de sua importância no cenário informativo, principalmente quando o assunto é ciência, pois tem relação próxima com os anseios da sociedade. Sobre isso, Carlos Bertolli Filho diz:

Por sua vez, as próprias entidades produtoras de ciência e tecnologia estão cada vez mais conscientes de seus compromissos sociais, preparando seus agentes para que estes mantenham uma relação mais cordial e produtiva com a mídia. Afinal, é um dever dos cientistas explicarem-se para a sociedade e, nesta situação, os profissionais de comunicação podem desempenhar um papel estratégico. (BERTOLLI FILHO, 2006, p. 14).

Para situar a importância do assunto saúde no meio jornalístico, é importante salientar que, segundo<sup>4</sup> o Portal da Saúde, no Brasil, 71% da população, ou 145 milhões de pessoas utilizam o Sistema Único de Saúde (SUS). A pesquisa, realizada entre agosto de 2013 e fevereiro de 2014 aponta que pelo menos 69 milhões de pessoas utilizam os serviços de atendimento na atenção básica. Ou seja, jornalisticamente falando, cobrir saúde é alcançar uma grande parcela da sociedade. Roxana Tabakman (2013, p.19), no livro “A Saúde na Mídia”, diz que “melhorar a qualidade da informação dos meios é, portanto, de maneira indireta, melhorar a atenção dos próprios pacientes”.

---

<sup>4</sup> Disponível em: < <http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/cidadao/principal/agencia-saude/17961-71-dos-brasileiros-tem-os-servicos-publicos-de-saude-como-referencia> >. Acesso em 21 de maio de 2016 às 09h35.

Partindo desse pressuposto, o desafio para o jornalista de saúde é estar bem formado. Isso mesmo: bem formado. Segundo Tabakman (2006, p. 22) “Em uma coletiva de imprensa ou um anúncio hospitalar, por exemplo, o jornalista não se limitará a ouvir e em seguida transcrever ao lado de outros 100 o que foi dito; também não se entusiasmará pelos aspectos técnicos [...]” Mas infelizmente, segundo Tabakman (2013, p.22) “[...] A maioria dos jornalistas não preparados ficará no “não entendo nada e provavelmente só repetirá (amplificará) que tudo foi um sucesso, uma proeza da medicina moderna [...]”

Os desafios aqui mostrados são apenas a ponta do iceberg na profissão do jornalista de saúde. Um dos mais impactantes para o profissional é a convergência das mídias. Segundo Jenkins (2015, p. 30) “A circulação de conteúdos – por meio de diferentes sistemas de mídia, sistemas administrativos de mídias concorrentes e fronteiras nacionais – depende fortemente da participação ativa dos consumidores.”

Sobre o desafio da convergência, a jornalista Cristiane Segatto<sup>5</sup> (ANEXO B) ressalta que é preciso se adequar à nova realidade:

A mudança mais radical foi o fácil acesso à produção científica mundial em apenas um clique. Antes da internet, o acesso aos artigos científicos era muito mais difícil. Dependíamos de bibliotecas, tudo levava mais tempo, encontrar os cientistas era algo complicado. Com a internet, todo jornalista de saúde pode ter acesso aos artigos dos principais periódicos científicos antes mesmo da publicação deles (por um sistema de embargo), pode encontrar e entrevistar especialistas de qualquer parte do mundo e estudar muito mais. Isso tudo aumentou a acurácia das informações publicadas pelos jornalistas. Basta que ele se empenhe na apuração e tenha tempo adequado para realizá-la. A qualidade das reportagens de saúde é proporcional ao tempo investido nelas. Não há milagre. Há o outro lado da questão: a internet e as redes sociais também mudaram as formas de produção e levaram à rápida proliferação de conteúdos bons e ruins. Nas redes sociais, tudo fica misturado e sem curadoria. O leitor tem hoje a difícil missão de encontrar as boas agulhas no meio de um palheiro de lixo. Esse é o desafio do nosso tempo.

---

<sup>5</sup> Entrevista concedida pela jornalista Cristiane Segatto, colunista da revista Época à Wagner César Fernandes, estudante de jornalismo em 20/10/2016.

A razão desta mudança radical, apontada por Segatto, pode ser também entendida no livro “A Cultura da Convergência”, onde Jenkins diz:

A convergência não ocorre por meio de aparelhos, por mais sofisticados que venham a ser. A convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros. Cada um de nós constrói a própria mitologia pessoal, a partir de pedaços e fragmentos de informações extraídos do fluxo midiático e transformados em recursos através dos quais compreendemos nossa vida cotidiana. Por haver mais informações sobre determinado assunto do que alguém possa guardar na cabeça, há um incentivo extra para que conversemos entre nós sobre a mídia que consumimos. Essas conversas geram um burburinho cada vez mais valorizado pelo mercado das mídias. (JENKINS, 2015, p. 31).

As informações podem estar disponíveis, mas será que o jornalista tem estrutura, tempo e espaço para tratar de assuntos mais complexos? Quando questionada sobre esse assunto, Roxana Tabakman<sup>6</sup> (ANEXO A) respondeu que:

Há bastante pesquisa acadêmica sobre jornalismo e saúde, há muitos cientistas e médicos interessados na divulgação de assuntos de saúde, porém há muito potencial de melhora no jornalismo especializado. Os que fazem a cobertura destes assuntos são poucos, a grande maioria trabalha de forma precária (free lance), com pouco espaço ou tempo para divulgar as informações.

E qual pode ser o caminho que o jornalista de saúde deverá percorrer para promover uma reportagem de qualidade, sobretudo em assuntos que demandam maior complexidade de pesquisa? Para Cristiane Segatto<sup>7</sup> (ANEXO B), o jornalista precisa ter interesse em aprender todos os dias:

---

<sup>6</sup> Entrevista concedida pela jornalista Roxana Tabakman, autora do livro “A Saúde na Mídia” à Wagner César Fernandes, estudante de jornalismo em 16/10/2016.

<sup>7</sup> Entrevista concedida pela jornalista Cristiane Segatto, colunista da revista Época à Wagner César Fernandes, estudante de jornalismo em 20/10/2016.

O jornalista não precisa ser especialista em nenhuma síndrome para produzir reportagens de excelência. O importante é que ele seja obstinado o suficiente para pesquisar as melhores evidências científicas, entrevistar as fontes mais confiáveis e ser sensível o suficiente para extrair dos doentes os depoimentos mais sinceros. Cubro saúde há mais de 20 anos e, felizmente, todos os dias aprendo alguma coisa nova. Se num dia o foco do repórter estiver nos acumuladores, em outro dia estará nos portadores de outras síndromes ou das doenças mais corriqueiras. Fará isso milhares de vezes ao longo da carreira – sempre com um novo olhar.

O jornalista que é atento e tem um olhar novo sobre os mais diferentes temas, precisa também estar atento e atualizado sobre o tipo de público que ele está informando. É um grande risco aos jornalistas de saúde, como diz Tabakman (2013, p. 81) quando “[...] não conhecem o seu público. Partem de uma ideia confusa e bem simples que é a de pensar que são iguais a ele, e desconfiam de todo debate que se oponha às suas crenças”. Partindo deste pensamento, Tabakman (2013, p. 103) diz que “Há histórias de esperança e de tragédia, de injustiça e de solidariedade, de incapacidade – dor, velhice – e de beleza-vitalidade-consumo; do que a medicina pode e deve fazer, e também do que deveria abandonar.”

Quando Roxana Tabakman aborda histórias do jornalismo de saúde, ela também reflete sobre o valor-notícia ou o interesse do público que se contrapõe ao interesse público. Sobre isso, a jornalista cita uma pesquisa realizada no Reino Unido e diz que:

Na grande mídia, os editores gerais são os donos da última palavra. Sendo generalistas, suas opiniões sem sempre coincidem com as dos editores de seção, que são especialistas. Que doenças são mais importantes para eles? As mais graves? As incuráveis? As novas? [...]. (TABAKMAN, 2013, p. 105).

Diante disso, é possível inferir alguns desafios dos jornalistas que cobrem saúde, que foram abordados neste capítulo: Pesquisar o assunto; Estar preparado; Estar antenado e atualizado nas mais diferentes plataformas disponíveis; Buscar as melhores fontes; Estar preparado para aprender todos os dias.

Este estudo parte agora para análise de menções e reportagens sobre a Síndrome de Diógenes, nos meios internet e TV aberta, respectivamente.

### 3. COBERTURA JORNALÍSTICA DA SÍNDROME DE DIÓGENES

Se a pauta jamais deve ser desprezada (KOTSCHO, 2002), qual a razão de não haver cobertura significativa sobre Síndrome de Diógenes na internet e na TV aberta?. É este assunto que a monografia abordará neste capítulo.

Sobre a cobertura jornalística da Síndrome de Diógenes, a jornalista Cristiane Segatto<sup>8</sup> (ANEXO B), colunista da revista Época, esclarece que:

Muitas síndromes acometem cada vez mais pessoas no Brasil. O jornalista escolhe os temas que deseja tratar de acordo com alguns critérios. O principal deles é o ângulo inusitado. O bom jornalismo de saúde vai além da produção de listas de doenças e seus sintomas. Isso seria algo parecido com uma enciclopédia ou um dicionário médico. Não é esse o nosso objetivo. Não escrevemos reportagens sobre o assunto X ou Y. Não escrevemos “sobre” câncer, “sobre” coração, “sobre” esta ou aquela síndrome. O que importa é o olhar particular do jornalista sobre determinada história. Se ele enxergar um ângulo original, tiver um gancho interessante e se sentir atraído pela história, pode produzir uma ótima reportagem.

Em caminho oposto a Segatto, a jornalista Roxana Tabakman<sup>9</sup> (ANEXO A), diz que o jornalismo não fala sobre Síndrome Diógenes por:

Falta de conhecimento. As redações sofreram com a crise no Brasil, num cenário internacional de retrocesso das mídias tradicionais. Os jornalistas, mal pagos e ao mesmo tempo com exigência de alta produtividade, não têm tempo de aprofundar em assuntos novos, e assim todos se ocupam dos mesmos assuntos. A falta de preparo profissional pode ser um agravante. Há também, em épocas eleitorais, menos espaço para tratar assuntos de saúde.

---

<sup>8</sup> Entrevista concedida pela jornalista Cristiane Segatto, colunista da revista Época à Wagner César Fernandes, estudante de jornalismo em 20/10/2016.

<sup>9</sup> Entrevista concedida pela jornalista Roxana Tabakman, autora do livro “A Saúde na Mídia” à Wagner César Fernandes, estudante de jornalismo em 16/10/2016.

Diante disso, é possível inferir que há divergências em relação ao que o profissional jornalista de saúde deve cobrir e os motivos podem levá-lo a não cobrir assuntos como Síndrome de Diógenes.

Uma vertente pode ser a dificuldade em conseguir fontes. Para Bertolli (2006), ouvir um especialista sobre determinado tema específico pode não invocar a atenção do leitor/espectador. Já para o uso de jargões, termos científicos ou jornalísticos, por exemplo, exige-se parcimônia (TABAKMAN, 2013). Bertolli entende que o jornalista precisa se preocupar com a linguagem que está apresentando ao leitor ou espectador. Sobre isso, ele diz:

Outro ponto que está articulado com a questão da linguagem do jornalismo científico localiza-se no afã do divulgador em estabelecer sintonia com um público que o emissor nutre uma imagem demasiadamente imprecisa, quer o considerando com a mesma capacidade que o locutor para a inteligência de assuntos geralmente complexos, quer como alguém destituído de potencialidade para entender o vocabulário básico da ciência ou mesmo da língua do seu país. Neste sentido, é comum deparar-se com matérias que, pelo uso de jargões próprios de uma especialidade científica ou ainda pela recorrência a termos por demais genéricos, resultam em notícias de teor duvidoso, se não totalmente equivocado. Fácil de serem localizadas na mídia e ao mesmo tempo difíceis de serem superadas pelos divulgadores científicos, essas ocorrências mostram-se prolíficas, mesmo quando o texto é escrito por um especialista altamente treinado no setor jornalístico e num determinado campo científico. (BERTOLLI FILHO, 2006, p. 5)

Tabakman (2013) amplia o assunto ao dizer que jornalistas e cientistas não chegaram a um acordo quanto a linguagem que deve ser usada em uma cobertura jornalística científica. Para a jornalista, o uso da metáfora pode ser um caminho. Ela diz que “[...] metáfora é, por sua vez, um veículo formidável para popularizar conceitos científicos complexos, porque evoca significados comuns. Mas o impulso criativo deve ser atenuado por uma dose de reflexão [...]” (TABAKMAN, 2013, p. 77).

Então, para cobrir um tema, que pode não ser de conhecimento da maior parte do público, como a Síndrome de Diógenes, faz-se necessário ao jornalista, certos cuidados, que serão abordados posteriormente.

Para tratar do tema desta monografia, depara-se com uma dificuldade já abordada anteriormente: a falta de conhecimento sobre o assunto. Outra dificuldade é traduzir o tema, para torná-lo mais agradável. Dados sobre a doença revelam que sua descoberta ocorreu na década de 1970, nos Estados Unidos<sup>10</sup>. Além do nome Síndrome de Diógenes, ela também é conhecida como Transtorno de Acumulação ou Acumulação Compulsiva. Afeta principalmente idosos acima de 60 anos, tornando-os solitários e de difícil relação com os familiares e vizinhos. Esse afastamento se dá, além do próprio enfermo, também pela família, já que suas principais características são o acúmulo de objetos e lixo e a resistência em aceitar a doença. Segundo Roxana, (TABAKMAN, 2013, p. 79) “Quem comunica, seja jornalista ou entrevistado, deveria estar consciente, em todos os momentos, de que transmite valores”.

Em suma, Roxana<sup>11</sup> (ANEXO A) entende que o jornalista precisa incentivar o leitor/espectador a pensar. A jornalista explica:

Se a matéria não convidar a pensar em termos de doença, a divulgação da notícia do caso vai ser uma oportunidade perdida. A Saúde mental é uma área que atrai o interesse porque confronta ao homem a se perguntar sobre os limites da normalidade. Esta especialidade da medicina apresenta ao mesmo tempo dificuldades próprias, as vezes enfrenta questões de difícil diagnóstico, onde nem sempre há consenso sobre o melhor tratamento. Mas não é por isso que deve ser tratado de forma superficial nem discutido por poucos e a portas fechadas. Os profissionais da área de comunicação precisam se engajar mais na busca constante de formas criativas e eficazes de comunicar os problemas de Saúde Mental.

Torna-se importante situar a ação do jornalista científico de saúde na cobertura do tema proposto por esta monografia. Na cidade de São Paulo existe uma portaria<sup>12</sup> para implantação de política de atendimento às pessoas com transtorno de acumulação.

---

<sup>10</sup> Disponível em: < <http://ria.ua.pt/bitstream/10773/5292/1/5107.pdf>>. Acessado em 01 de julho de 2016 às 10h20.

<sup>11</sup> Entrevista concedida pela jornalista Roxana Tabakman, autora do livro “A Saúde na Mídia” à Wagner César Fernandes, estudante de jornalismo em 16/10/2016.

<sup>12</sup> Disponível em: <

[ftp://ftp.saude.sp.gov.br/ftpssp/bibliote/informe\\_eletronico/2015/iels.out.15/iels195/M\\_PT-SGM-1575\\_191015.pdf](ftp://ftp.saude.sp.gov.br/ftpssp/bibliote/informe_eletronico/2015/iels.out.15/iels195/M_PT-SGM-1575_191015.pdf)>. Acesso em 14 de maio de 2016 às 10h05.

Abrindo parênteses, sobre a população idosa no Brasil, segundo o relatório de 2010 do IBGE<sup>13</sup> (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no Brasil existem 20.588.890 pessoas com 60 anos ou mais, isso equivale a um aumento de mais de 6 milhões de brasileiros nesta faixa, já que no ano de 2000 a população com mais de 60 anos chegava a 10.538.987 pessoas. Com o aumento da expectativa de vida do brasileiro, essa faixa etária enfrenta grande incidência de doenças, entre elas as mentais, como diz a pesquisa nacional de saúde do IBGE<sup>14</sup>, de 2013. Em 2014, segundo o IBGE, a expectativa<sup>15</sup> do brasileiro aumentou para 75,2 anos. No ano de 2013 a expectativa de vida era de 74,9 anos.

A abordagem não superficial pode trazer maior densidade de informações ao público, como diz a jornalista Cristiane Segatto<sup>16</sup> (ANEXO B):

Na minha opinião, “notícia” é toda história original e bem contada. Se o repórter encontrar um ângulo original para falar sobre acumuladores (alguma coisa que ainda não tenha sido dita ou que seja dita de forma surpreendente), nada impede que o tema seja retratado.

Portanto, há que ter cuidado ao abordar o tema segundo Segatto (ANEXO B):

Os temas de saúde merecem um tratamento aprofundado – em respeito a quem sofre e em respeito aos leitores. Uma notícia de saúde tratada de forma leviana provoca grandes estragos. Um exemplo recente é o caso da fosfoetanolamina (uma barbearagem jornalística que criou falsas esperanças, ocupou os Três Poderes e continua desperdiçando dinheiro público). No entanto, apurar reportagens com profundidade leva tempo e custa dinheiro. Se o leitor não aceita pagar para recebê-las, o resultado será mais desinformação e superficialidade.

---

<sup>13</sup> Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0&cat=-1,-2,-3,78,40,60,8,128&ind=4711>>. Acesso em 14 de maio de 2016 às 10h15.

<sup>14</sup> Disponível em: <<ftp://ftp.ibge.gov.br/PNS/2013/pns2013.pdf>>. Acessado em 13 de outubro de 2016 às 15h08.

<sup>15</sup> Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=112&data=01/12/2015>>. Acessado em 14 de maio de 2016 às 08h.

<sup>16</sup> Entrevista concedida pela jornalista Cristiane Segatto, colunista da revista Época à Wagner César Fernandes, estudante de jornalismo em 20/10/2016.

### 3.1 Cobertura jornalística da Síndrome de Diógenes na internet

Recapitulando, este estudo optou por analisar quali-quantitativamente cinco a cobertura jornalística da Síndrome de Diógenes em cinco dos maiores portais de notícias do Brasil: UOL, G1, R7, Terra e IG. O período analisado foi entre 01/01/2014 e 31/08/2016. Para isso, foi preciso separar reproduções nos portais de reportagens televisivas, caso do G1 (TV Globo), UOL (Band e Rede TV!) e R7 (Record).

Antes da pesquisa propriamente dita, esta pesquisa indagou a jornalista Cristiane Segatto<sup>17</sup> (ANEXO B) sobre o acesso à informações sobre saúde na internet. Para ela existem “vários jornalistas especializados em Ciência/Saúde que mantêm blogs [muitas vezes autônomos] e fazem um trabalho bastante qualificado. O que eles ainda não encontraram, infelizmente, é uma forma de financiar esse trabalho.”

Para análise qualitativa, será utilizado o livro de Edson Fernando Dalmonte “Pensar o discurso no webjornalismo: temporalidade, paratexto e comunidades de experiência”. Neste, será possível fazer relações com os conteúdos encontrados nos portais sobre o tema. Outros autores e livros poderão ser usados, se necessário.

Para explicar o contexto de webjornalismo, Dalmonte diz que:

Em linhas gerais, o funcionamento do contrato de leitura busca assegurar audiência fiel ao produto. Logo, enquanto diferencial, é a articulação no tocante ao contrato de leitura que marca a distinção. Ou seja, há uma diversidade de discursos semelhantes; mas a forma de apresentação do material já se constitui num diferencial, sobretudo por trabalhar aspectos identitários, que facilitam a aproximação e o percurso de leitura por parte do seu público. (DALMONTE, 2009, p. 30).

Essas e outras características serão confrontadas com o conteúdo das reportagens que serão analisadas neste capítulo.

---

<sup>17</sup> Entrevista concedida pela jornalista Cristiane Segatto, colunista da revista Época à Wagner César Fernandes, estudante de jornalismo em 20/10/2016.

### 3.1.1 Portal G1

A primeira pesquisa foi feita no portal G1 ([www.g1.globo.com](http://www.g1.globo.com)). Quantitativamente, a pesquisa verificou que apenas 01 menção foi feita sobre “transtorno de acumulação”, 02 para “acumulação compulsiva” e 01 para “Síndrome de Diógenes”. Para pesquisa chegar a esses números foi preciso separá-los das matérias disponíveis nos portais que se tratavam de reproduções de reportagens exibidas na TV Globo ou afiliadas da emissora no Brasil. Os dados da emissora serão analisados posteriormente, no contexto de TV aberta.

A única reportagem do G1 que menciona “transtorno de acumulação”<sup>18</sup> foi postada em 28/10/2015, cujo título é “SP vai dar atendimento a pessoas que acumulam objetos e animais”. Na reportagem o foco foi a portaria<sup>19</sup> existente na cidade de São Paulo, que criou um grupo para implantação de políticas públicas para amparo aos portadores da doença. É possível caracterizar que essa reportagem tem um gênero “informativo”. Esse gênero, segundo José Marques de Melo, no livro de sua autoria “Compreender a Práxis” pode ser uma “nota, notícia, reportagem e entrevista” (MELO, 2009, p. 30). Apesar de ter uma abordagem mais simples, a reportagem apresentou essas características.

Pesquisando a palavra-chave “acumulação compulsiva”, o estudo encontrou 02 reportagens no portal. A primeira, cujo título é “Descontrole em acumular coisas pode se tornar doença, alerta médico”<sup>20</sup>, de 09/10/2014, produzida pela repórter do G1 Paraná, Adriana Justi, traça o perfil dos acumuladores através de entrevista com um médico. A seguir, outras informações relevantes são compartilhadas ao leitor, como a criação de um grupo para identificar acumuladores de lixo e animais no município de Curitiba, diferenças entre colecionismo e acúmulo e opções de tratamento para os acumuladores. O gênero informativo é visível, mas com raízes no

---

<sup>18</sup> Reportagem disponível em: <<http://glo.bo/1OY0ZMD>>. Acessado em 06 de agosto de 2016 às 10h10.

<sup>19</sup> Disponível em: <

[ftp://ftp.saude.sp.gov.br/ftpssp/bibliote/informe\\_eletronico/2015/iels.out.15/iels195/M\\_PT-SGM-1575\\_191015.pdf](ftp://ftp.saude.sp.gov.br/ftpssp/bibliote/informe_eletronico/2015/iels.out.15/iels195/M_PT-SGM-1575_191015.pdf)>. Acesso em 14 de maio de 2016 às 10h05.

<sup>20</sup> Reportagem disponível em: <<http://glo.bo/1BXYcl0>>. Acessado em 06 de agosto de 2016 às 10h15.

gênero opinativo, quando a jornalista caracteriza o acúmulo como “problema” e “gravidade do problema”.

Segundo Dalmonte:

As concepções acerca da noção de destinatário estabelecem os efeitos de sentido sob ótica menos determinista, focada nos “possíveis”. O campo das possibilidades, desde esse patamar, permite visualizar a relação entre enunciador e destinatário como pautada pela necessidade de aproximação para que se valide o processo comunicacional. É a mensagem, portadora de significados, segundo as gramáticas de produção e de reconhecimento, o elemento capaz de promover a ligação entre as expectativas do emissor e do co-enunciador. (DALMONTE, 2009, p. 77).

A segunda, datada de 08/01/2016, cujo o título é “Acúmulo obsessivo de objetos pode ser doença, dizem especialistas”<sup>21</sup>, aproveita uma notícia, que é a de uma casa a qual foram retirados 20 caminhões de entulhos e lixo, para abordar informações sobre a doença. Os repórteres Anna Lúcia Silva e Thulio Oliveira, do G1 Cenro-Oeste de Minas contemplaram comportamento, entrevistas com especialistas e poder público, além de fazer relação dos impactos que o acúmulo de lixo pode causar ao meio ambiente. Há neste caso, uma abordagem mais ampla, observada nas entrevistas e na pesquisa dos repórteres.

Para a palavra-chave “Síndrome de Diógenes” foi encontrada apenas 01 reportagem no portal G1, porém trata-se da mesma reportagem realizada por Anna Lúcia Silva e Thulio Oliveira. Neste caso, não há necessidade de nova análise.

### 3.1.2 Portal UOL

---

<sup>21</sup> Reportagem disponível em: <<http://glo.bo/1TJvbtD>>. Acessado em 06 de agosto de 2016 as 10h25.

No período de análise quali-quantitativa, que corresponde a 01/01/2014 a 31/08/2016, o estudo encontrou no portal UOL ([www.uol.com.br](http://www.uol.com.br)) 02 menções ao “transtorno de acumulação”, 01 para palavra-chave “acumulação compulsiva” e também 03 menções para “Síndrome de Diógenes”.

Das duas menções para o transtorno de acumulação, uma delas, com o título “A vida em desordem”<sup>22</sup> (janeiro de 2014), de Scott O. Lilienfeld e Hal Arkowitz, disponíveis no site Viver em Mente, traz informações sobre a doença, história e um amontoado de notícias relacionadas o transtorno, uma delas no Brasil. Não há entrevistas, mas apenas pesquisas. Segundo Dalmonte “A valorização dos acontecimentos e sua seleção estão situados entre os elementos que aferem o sentido de veracidade aos fatos reportados pela mídia” (DALMONTE, 2009, p. 78).

A segunda menção a transtorno de acumulação, também é encontrada na pesquisa com a palavra-chave “acumulação compulsiva”. Disponível no site Bol Fotos, cujo título é “Visite 12 quartos mais bagunçados que o seu, se é que é possível”<sup>23</sup>, a pauta é de entretenimento, citando em uma das fotos a doença, mas sem explicá-la. Dalmonte diz que “a definição de notícia é relevante para que se aceite o discurso jornalístico como uma construção discursiva fiel e real” (DALMONTE, 2009, p. 78). Infere-se que aqui não há teor jornalístico, pois, nenhum discurso é usado. Não há outras menções para transtorno de acumulação ou acumulação compulsiva.

Para Dalmonte (2009, p. 80) “A sedimentação do que se convencionou ser os critérios de noticiabilidade colabora para que se eleja, dentre os elementos do cotidiano, aqueles que podem ser notícia, conferindo a esses estratos do real e o status de realidade”.

Para Síndrome de Diógenes, o estudo encontrou três menções. A primeira, de 03/07/2015, produzida por Bruno Bonsanti, para o site Trivela, com título “O aeroporto é a sua casa, seu time é o mundo real”<sup>24</sup> trata-se de uma pauta esportiva que relata a história de Denis, que vive no aeroporto de Congonhas há pelo menos quinze anos,

---

<sup>22</sup> Disponível em: <[http://www2.uol.com.br/vivermente/noticias/a\\_vida\\_em\\_desordem.html](http://www2.uol.com.br/vivermente/noticias/a_vida_em_desordem.html)>. Acessado em 06 de agosto as 10h50.

<sup>23</sup> Disponível em: <<http://noticias.bol.uol.com.br/fotos/entretenimento/2015/05/10/conheca-12-quartos-mais-baguncados-que-o-seu-se-e-que-e-possivel.htm#fotoNav=7>>. Acessado em 06 de agosto as 10h55.

<sup>24</sup> Disponível em: <<http://trivela.uol.com.br/especial/o-aeroporto-e-sua-casa-seu-time-e-o-mundo-real/>>. Acessado em 06 de agosto de 2016 as 11h05.

não sabe ler e escrever, mas conhece muito de futebol, principalmente o Corinthians, seu time do coração. O fato de ter abandonado o lar para viver no aeroporto chama a atenção dos que, em algum momento conviveram com ele. Durante a reportagem, uma entrevista com o neurologista Paulo Henrique Bertolucci relaciona a vida de Denis com a do filósofo grego Diógenes de Sinope, que é comparado com a da personagem, pela semelhança do abandono da vaidade, da família e viver nas ruas. Segundo Nilson Lage, no livro “A Reportagem”:

É claro que o êxito de uma pauta depende essencialmente de quem a executa. O trabalho de reportagem não é apenas o de seguir um roteiro de apuração e apresentar um texto correto. Como qualquer projeto de pesquisa, envolve imaginação, insights: a partir dos dados e indicações contidos na pauta, a busca do ângulo (às vezes apenas sugerido ou nem isso) que permita revelar uma realidade, a descoberta de aspectos das coisas que poderiam passar despercebidos. (LAGES, 2008, p. 35).

Sobre isso, é possível inferir que o repórter foi feliz ao abordar um tema sobre saúde, no contexto esportivo.

Outra menção à Síndrome de Diógenes é feita no site de notícias em vídeo CGN, de Cascavel no Paraná, com o título “Prefeitura limpa terreno de ‘acumulador’”<sup>25</sup>. Logo no lead já é mencionada a doença. Além de texto, usa-se na reportagem produzida por Matheus Barbieri um vídeo-reportagem. O texto é reprodução das falas do repórter que estão no vídeo. Já a vídeo-reportagem também traz uma entrevista com o acumulador. Nesta pauta é possível observar que houve mais investimento no audiovisual, que contém mais informações que o escrito, mas mesmo assim, em nenhum dos casos, há fontes oficiais consultadas. Sobre esse erro jornalístico, Lages diz:

Pautas lacônicas ou imprecisas são outro problema que inferniza repórteres. A pauta deve, tanto quanto possível, disponibilizar as informações que se tem previamente e indicar fontes de pesquisa conhecidas para a preparação da matéria. deve também avaliar o

---

<sup>25</sup> Disponível em: <<http://cgn.uol.com.br/noticia/163991/prefeitura-limpa-terreno-de-acumulador>>. Acessado em 06 de agosto de 2016 as 12h02.

tempo necessário à apuração adequada, tendo em vista o que se pretende em termos de aprofundamento e exatidão. Isso significa que o editor ou pauteiro precisa ter experiência de reportagem, noção das dificuldades que podem surgir no trabalho e avaliação correta dos profissionais com que trabalha. (LAGES, 2008, p. 43).

### 3.1.3 Portal R7

O portal R7 ([www.r7.com](http://www.r7.com)) não mencionou as palavras-chave “transtorno de acumulação” ou “acumulação compulsiva”. Para o termo “Síndrome de Diógenes” houve apenas a repercussão de uma reportagem feita pelo programa jornalístico Balanço Geral, com o título “Mulher com Síndrome de Diógenes acumula lixo em casa e marido sofre com sujeira e mau cheiro. Confira”<sup>26</sup>. Portanto, não há parâmetros para analisar este item, qualitativamente.

### 3.1.4 Portal Terra

O portal Terra ([www.terra.com.br](http://www.terra.com.br)) não menciona os termos “transtorno de acumulação” e “acumulação compulsiva” no período entre 01/01/2014 a 31/08/2016.

Para a palavra-chave “Síndrome de Diógenes” há uma menção na reportagem audiovisual “Começa a limpeza na casa do homem com Síndrome de Diógenes”<sup>27</sup>. Por sinal, a matéria aborda o mesmo assunto de outro site, o CGN, já analisado anteriormente. Neste caso, a produção feita pelo canal web CATVE entrevistou um vereador e a Secretária de Saúde do município de Cascavel, diferentemente da

---

<sup>26</sup> Disponível em: <<http://noticias.r7.com/balanco-geral/fotos/mulher-com-sindrome-de-diogenes-acumula-lixo-em-casa-e-marido-sofre-com-sujeira-e-mau-cheiro-confira-11062014>>. Acessado em 06 de agosto de 2016 as 12h20.

<sup>27</sup> Disponível em: <<https://noticias.terra.com.br/brasil/catve/videos/comeca-limpeza-na-casa-do-homem-com-sindrome-de-diogenes,8020364.html>>. Acessado em 06 de agosto de 2016 as 13h17.

reportagem da CGN que não conseguiu fontes oficiais. Para Lages (2008, p. 49) “Poucas matérias jornalísticas originam-se integralmente da observação direta. A maioria contém informações fornecidas por instituições ou personagens que testemunham ou participam de eventos de interesse público”.

### 3.1.5 Portal IG

No portal IG ([www.ig.com.br](http://www.ig.com.br)) apenas uma menção da doença para o termo “Síndrome de Diógenes” foi encontrada. Esta, disponível no site da Tribuna da Bahia, cujo título é “Idosa com transtorno psicológico acumulava lixo dentro de casa há 20 anos”<sup>28</sup>, aborda a história de uma acumuladora compulsiva de oitenta e sete anos onde, segundo a reportagem, houve necessidade de retirada de vinte caçambas de lixo do local onde a idosa residia. Apenas a filha da acumuladora foi entrevistada na reportagem. Não há fontes oficiais entrevistadas ou consultadas. Ainda assim, informações sobre a doença são disponibilizadas no texto, ainda que aparentam ser quase que reproduções de conteúdos encontrados na internet, sem fonte ou confirmação.

Com observação nos dados coletados pelo estudo, referentes à cobertura jornalística do tema nos portais de notícias na internet, no período entre 01/01/2014 a 31/08/2016, foram identificadas quatro menções no G1, cinco no UOL, uma no R7, uma no Terra e uma no IG. O período corresponde a 974 dias, ou 139 semanas, ou 32 meses.

Com isso temos um número bem reduzido de reportagens nos cinco portais, dois quais

---

<sup>28</sup> Disponível em: <<http://bahia.ig.com.br/2015/10/02/idosa-com-transtorno-psicologico-acumulava-lixo-dentro-de-casa-ha-20-anos>>. Acessado em 06 de agosto de 2016 as 13h50.

Para a jornalista Cristiane Segatto<sup>29</sup> (ANEXO B), “É natural que as matérias de Política, Economia, Lava Jato etc, recebam maior destaque (principalmente neste momento do país)”, e lembra que:

[...] poderíamos ter mais jornalistas cobrindo o assunto e de forma contínua. Concordo que a cobertura poderia ser melhor, mas isso só vai acontecer se os leitores estiverem interessados em pagar por ela. Com as redes sociais, os leitores se acostumaram a consumir conteúdo de graça. Enquanto a questão do financiamento não se resolver, a crise do jornalismo vai se aprofundar.

#### **4.2 A cobertura da Síndrome de Diógenes na TV Aberta**

As emissoras escolhidas pelo estudo estão entre os canais abertos de maior audiência no Brasil. Assim como na análise de menções em reportagens nos portais, aqui se usou as mesmas palavras-chave, mas com a pesquisa sendo realizada dentro do acervo digital das emissoras. No caso da TV Globo, utiliza-se os vídeos encontrados no endereço “g1.globo.com”. Já para a TV Record pesquisa-se os vídeos do portal “r7.com”. Para o SBT a busca foi realizada no site “sbt.com.br”. No canal Band, a pesquisa consultou o site “band.uol.com.br”. E para a Rede TV!, a busca se referenciou no site “redetv.uol.com.br”.

Sobre o telejornalismo, Paulo Eduardo Silva Lins Cajazera ensina:

[...] o repórter fornece ao cidadão a possibilidade de fuga do anonimato, recurso que se tornou célebre na forma de narrar os fatos estabelecidos inicialmente pelo chamado Novo Jornalismo. Na narrativa audiovisual, o telespectador se envolve, junto com o enunciador/narrador e o enunciatário/público, numa co-participação do objeto, não ficcional permeado de efeitos de sentido que garantem

---

<sup>29</sup> Entrevista concedida pela jornalista Cristiane Segatto, colunista da revista Época à Wagner César Fernandes, estudante de jornalismo em 20/10/2016.

a melhor compreensão da realidade da história. (CAJAZERA, 2010, p. 72).

Ou seja, é por meio do telejornalismo que a realidade e as pessoas podem ser apresentadas para o público, usando das ferramentas disponíveis na plataforma:

Num comparativo com a construção do texto da reportagem em TV, a técnica do Novo Jornalismo mostra-se presente quando o repórter empresta ao cidadão/público não apenas o espaço no noticiário, numa relação metalinguística, e uma possibilidade de aceitação quanto à mediação da emissora de televisão, mas a possibilidade de o personagem contar um fato do seu ponto de vista dos acontecimentos. Assim, agrega-se uma situação fiduciária ao discurso do enunciador que empresta visibilidade, mas exige participação na construção da realidade com a utilização das técnicas jornalísticas de visualização do enunciado. (CAJAZERA, 2010, p. 73).

Segundo Cajazera, o Novo Jornalismo traz valores dos personagens para o espectador:

É, portanto, um mediador na redefinição das fronteiras entre a realidade do personagem e aquela da reportagem. Logo, por meio do mecanismo audiovisual, as reportagens com características do Novo Jornalismo moldam as manifestações dos personagens a um estilo subjetivo, dando-lhe determinados sentidos e valores, gerando simulacros perfeitamente absorvidos pela sociedade. (CAJAZERA, 2010, p. 76).

#### **4.2.1 SBT e Band**

De acordo com Nemézio Amaral Filho:

Basicamente, temos que entender que quando determinados assuntos são pautados, agendados, pela mídia, outros deixam de sê-

lo. Isso ocorre por várias razões, mas a principal delas é que há uma ‘batalha discursiva’, uma luta em torno de diferentes argumentos na sociedade (esfera pública), em torno de determinados pontos de vista. (AMARAL FILHO, 2011, p. 98).

Para as emissoras Band e SBT, não foram encontradas reportagens que citassem as palavras-chave “transtorno de acumulação”, “acumulação compulsiva” ou “Síndrome de Diógenes”.

#### 4.2.2 Rede TV!

Considerando que a comunicação não é apenas fazer conhecer, mas, principalmente, tentar persuadir o enunciário ao aceitar os valores contidos no texto, fica implícito no processo comunicativo a existência de um jogo de manipulação que procura levar o enunciário a querer estar em conjunção com o objeto-valor, no caso, a visibilidade proposta pelo telejornal. Uma valorização do discurso dos sujeitos com o objetivo de rediscuti-los numa esfera pública midiática. A demonstração de interesse no querer-ver do público faz com que este deixe-se manipular pela TV. Dessa forma, a audiência se instituiu no espaço público midiático e, assim, o destinatário ganha visibilidade social. Um exemplo do agir comunicativo do enunciador presente no modo como a televisão apresenta os personagens dos textos jornalísticos em TV. (CAJAZERA, 2010, p. 77).

No canal Rede TV!, apenas uma reportagem exibida no programa jornalístico Documento Verdade, em 28/01/2016, abordou o tema sobre pessoas que sofrem com os Transtornos Obsessivos Compulsivos (TOC). Dentre os vários casos citados no programa, duas personagens<sup>30</sup>, Rosaria Barbosa e Helena Monteiro, viviam com a Síndrome de Diógenes na cidade de Campinas, interior de São Paulo.

---

<sup>30</sup> Disponível em: <<http://www.redetv.uol.com.br/jornalismo/documentoverdade/videos/ultimos-programas/tem-que-viver-nao-tem-outro-jeito-diz-idosa-que-encheu-a-casa-de-lixo>>. Acessado em 06 de agosto de 2016 às 15h12.

A reportagem de seis minutos inicia com o apresentador Augusto Xavier explicando o perfil de portadores da doença. Já na reportagem de Edie Polo, é possível observar que a busca pela emoção é constante, principalmente por meio do uso de fundo musical, que remete a tensão (algo comum em programas policiais) e a linguagem informal do repórter. Sobre o uso da emoção, Kotscho diz que “Informação com emoção são duas ferramentas básicas do repórter, e ele terá que lutar sempre consigo mesmo para saber dosá-la na medida certa em cada matéria” (KOTSCHO, 2002, p. 32). Termos como “situação dramática”, “literalmente vive no lixo”, “o que você vai ver impressiona” e “eu nunca tinha visto algo parecido”, fazendo referência ao acúmulo de lixo, foram usados sem parcimônia na matéria.

O padrão utilizado nesta reportagem tem semelhanças com as reportagens da TV Record (fruto de análise posterior). A mais forte é a indagação ao portador sobre os motivos que o levaram ao acúmulo. Outra característica presente é a opinião, perceptível nos diálogos entre o repórter e as acumuladoras. Sobre isso Kotscho diz que “o repórter deve estar livre de qualquer preconceito, qualquer ideia pré-fixada pela pauta ou por ele mesmo” (KOTSCHO, 2001, p. 44).

As duas personagens, na reportagem, são as únicas fontes entrevistadas. Nemézio Amaral Filho (2011) diz que é preciso que o jornalista saiba se o assunto que está sendo tratado é de interesse público e não de interesse para o público.

[...] A mídia pode destacar a violência urbana, mas não as suas causas. Ou então a ausência do crescimento econômico, e não a política de juros altos que pode sufocar este mesmo crescimento; ou a cultura de impunidade, mas não a falta de ação do poder público. (AMARAL FILHO, 2011, p. 94).

Para ele “o jornalista não é mais julgador supremo daquilo que merece o nome de ‘notícia’” (AMARAL FILHO, 2011, p. 89-90). Também diz que deve haver o cuidado de se usar a objetividade, dando clareza ao assunto tratado, sem deixar de mostrar os vários ângulos da mesma notícia (2011).

Como resultado da reportagem apresentada pela Rede TV!, o apresentador Augusto Xavier, no final do vídeo informou que a produção entrou em contato com a

Vigilância Sanitária da cidade de Campinas, que após ter informações sobre os casos, retiraram das residências das acumuladoras, 20 toneladas de lixo. As mulheres também foram encaminhadas para tratamento no município.

Nota-se, portanto, que, apesar de a reportagem não ter apresentado alguns critérios, como por exemplo a busca de fontes, foi importante para gerar reações no poder público, pelo menos momentaneamente, para as duas portadoras da síndrome, que foram a retirada de lixo da residência e o tratamento médico. Segundo Roxana Tabakman: “Existem doenças das quais ninguém se lembra até entrarem na pauta da mídia, e isso mostra o seu poder de fogo quando os jornalistas fazem o que sabem: contar histórias”. (TABAKMAN, 2013, p. 120).

#### **4.2.3 TV Record**

A pesquisa realizada por esta monografia encontrou três citações à Síndrome de Diógenes em reportagens da TV Record, entre 01/01/2014 a 31/08/2016, todas exibidas no mês de outubro de 2015. Duas dessas têm relação com o mesmo caso, por isso, a análise será feita considerando o seu desmembramento. Não houve menção às palavras-chave “transtorno de acumulação” ou “acumulação compulsiva”.

A primeira foi exibida no programa jornalístico “Balanço Geral” de São Paulo, em 11 de junho de 2014, com o título “Moradores tentam ajudar idoso que vive em meio a entulhos em apartamento em SP”<sup>31</sup>. Trata-se de um aposentado, identificado como Carlos Cardoso, de 61 anos, que vive em meio ao lixo dentro de um apartamento. Sua esposa, dona Cícera é considerada acumuladora compulsiva.

Na reportagem feita pela repórter Cristina Scaff, é possível ver o interesse público envolvido, pois houve uma denúncia dos vizinhos, que têm que conviver com

---

<sup>31</sup> Disponível em: <<http://noticias.r7.com/balanco-geral/videos/moradores-tentam-ajudar-idoso-que-vive-em-meio-a-entulhos-em-apartamento-em-sp-27102015>>. Acessado em 06 de agosto de 2016 as 16h40.

a situação de extrema sujeira no prédio. Ou seja, houve um interesse jornalístico pelo tema:

Há relação entre interesse jornalístico e abrangência de público para uma informação. Quanto maior o interesse jornalístico, maior a abrangência do público a que a informação possa destinar. Já a comunidade envolvida na especialidade será motivada não tanto pelo aspecto jornalístico de uma informação, mas por suas implicações puramente técnicas. (LAGE, 2008, p. 113).

Além das informações sobre o acúmulo e entrevistas com a acumuladora e um vizinho, o apresentador Reinaldo Gottino, do estúdio, trouxe informações sobre a doença e contou com um link ao vivo da repórter Leniza Krauss. Esta informou que o programa entrou em contato com a Defensoria Pública e deu orientações aos moradores vizinhos. Além disso, no gerador de caracteres (GC) foi colocado o telefone do Centro de Assistência Social (CREAS), que conta com uma equipe multidisciplinar que pode fazer o atendimento ao aposentado e sua esposa.

Segundo Lage “informação é mais extensa, mais completa, mais rica na trama de relações” (LAGE, 2008, 114).

Para Lage, o objetivo do texto jornalístico científico é:

[...] fazer compreender e aproximar o universo da ciência do universo em que vive e pensa o consumidor da informação [espectador]. Para isso recorrem-se a associações, relacionamentos, descoberta de conexões. Números adquirem muita força, porque portam credibilidade [...] A base formulação do texto é a entrevista [...] Repórteres são treinados para não ter vergonha de perguntar. (LAGE, 2008, p. 125).

Neste caso, houve um desmembramento da reportagem. Após um dia, o programa retornou ao assunto e trouxe novas informações. Em nova reportagem de Cristina Scaff, o público pôde acompanhar que o idoso foi encaminhado para um asilo.

Nesta feita, a repórter relembra o caso e informa que uma profissional assistente social esteve no local e avaliou que houve negligência por parte da acumuladora, se referindo ao estado de saúde do esposo. Segundo a reportagem, o caso foi encaminhado para Defensoria Pública e Delegacia da Mulher.

Outra reportagem data de 15/10/2015, exibida também no programa “Balanço Geral” de São Paulo<sup>32</sup>, com o título “Acumuladora com síndrome de Diógenes precisa de ajuda em sua casa”. O conteúdo jornalístico tem aproximadamente 8 minutos de vídeo. O jornalista e apresentador do programa, Reinaldo Gottino, explica o que é a Síndrome de Diógenes e anuncia a reportagem feita por Maurício Goeldner, cujas primeiras palavras são: “Os moradores de um bairro, aqui na zona norte de São Paulo, gritam por socorro...”.

Após explicar que a Síndrome de Diógenes é o “transtorno de acumular lixo em casa. Ela é uma acumuladora. É a Síndrome de Diógenes”, a reportagem inicia abordando a situação dos moradores vizinhos à acumuladora, dona Maria Helena. Segundo o repórter, eles estão “com um problemão...”. Com isso, dá-se a entender que a acumuladora é a causadora do problema. A jornalista Roxana Tabakman, no livro “A Saúde na Mídia” fala sobre o desconhecimento de certas informações médicas:

[...] quem não sabe nada está mais perto da verdade do que a pessoa cuja mente está cheia de informações equivocadas. Conseguir que a mensagem seja bem decodificada pelos receptores [espectadores] é o grande desafio que preocupa (ou deveria preocupar) tanto médicos quanto jornalistas. (TABAKMAN, 2013, p. 121).

Há a citação de que “foram os vizinhos que chamaram o Balanço Geral”. Ao falar com a moradora, que parece assustada com a equipe de reportagem, o repórter pergunta: “A senhora precisa de ajuda?”. A trilha sonora remete a uma luta ou batalha, que é uma característica do jornalismo da emissora, pois procura dar emoção ao relatar um fato. Roxana diz que: “Dar informações implica riscos. É óbvio que, ainda

---

<sup>32</sup> Programa exibido pela TV Record São Paulo. Vídeo da reportagem disponível em < <http://noticias.r7.com/balanco-geral/videos/acumuladora-com-sindrome-de-diogenes-precisa-de-ajuda-em-sua-casa-15102015/>>. Acessado em 06/08/2016 às 10h.

que o emissor difunda uma mensagem igual para todos, cada um dos receptores a assimila de modo diferente.” (TABAKMAN, 2013, p.125).

Os riscos de um trabalho jornalístico esbarrar no sensacionalismo são grandes. Sobre isso, Tabakman diz:

“A busca pelo que é apelativo na notícia e da notícia no que é apelativo ainda é uma dificuldade para muitos. Os assuntos mais importantes nem sempre são os que despertam interesse. Geralmente, acontece o contrário. Uma análise dos temas biomédicos que mais foram publicados na imprensa espanhola mostrava, por exemplo, descobertas ou desenvolvimentos científicos anunciados em grandes termos, como clonagem e o projeto genoma humano, e temas mais clássicos, como negligências médicas, possíveis surtos infecciosos ou outros problemas de atenção sanitária. E foram também quase os mesmos – tudo segundo o antes mencionado Informe Quiral – os que geraram opinião por parte de editorialistas e colunistas. [...]”. (TABAKMAN, 2013, p. 13)

Há a participação de uma profissional médica entrevistada, porém a mesma não foi identificada na reportagem. Mesmo assim, se observa que houve busca de fonte. Sobre isso, Traquina (2005) diz que as fontes são pessoas que têm interesse pelo assunto abordado.

A abordagem com qualidade facilita o entendimento do público. Sobre isso, Cajazera diz:

Assim, o telejornal apresenta ao público de telespectadores um espaço interpretativo, cujos códigos se propuseram a representar o real; um espaço-tempo mitificado e materializado pelos simulacros – representação, na qual uma coisa está no lugar de outra. A visibilidade dos sujeitos concretiza-se como uma experiência midiática em relatar fatos de esferas privadas em ambientes midiáticos públicos. (CAJAZERA, 2010, p 75-76).

A interpretação do público poderia ser prejudicada, pois até cinco minutos de reportagem, e levando em consideração que a audiência televisiva é rotativa, não

houve menção sobre a doença. Só neste momento que há a apresentação da doença como “neurose”.

Em matérias de cunho social há que se ter cuidado para não cair em um dos erros mais comuns do jornalismo atual, como explica Roxana:

É lamentável que na busca do apelativo muitas vezes se esqueça de que o essencial deveria continuar sendo a qualidade da informação, ainda mais quando pode levar a consequências gravíssimas, como os casos de conteúdo médico. As notícias sobre dietas, por exemplo, deveriam ser tratadas com rigor imposto à prescrição de um tratamento para obesidade, mas a qualidade da informação sobre o tema costuma deixar a desejar. (TABAKMAN, 2013, p. 14).

Ao tratar de um assunto importante, sem explicá-lo ou expô-lo de forma aprofundada, o jornalista se arrisca, dando ao espectador, que pode não acompanhar a reportagem completa, a impressão equivocada de que a acumuladora é culpada pela acumulação, quando na verdade ela tem uma doença séria. No livro “A Saúde na Mídia”, Roxana Tabakman fala sobre o despreparo de alguns jornalistas em temas sobre saúde:

Assim, há assuntos relevantes que jamais são publicados. Os caminhos para que um tema seja excluído ou se perca na matéria-prima que o redator não consegue transformar em matéria jornalística são muitos. O mais transitado é o do desconhecimento: um tema não pode ser notícia se o jornalista não o compreende, e vai direto para o lixo. (TABAKMAN, 2013, p. 16).

A terceira reportagem<sup>33</sup> foi exibida no jornal Balanço Geral de Minas Gerais, no dia 17/10/2015 com o título “Idosa acumula lixo e entulho em casa”. Ao anunciar a reportagem, o apresentador Mauro Tramonte tece comentários sobre a atitude da idosa, dona Maria de 71 anos, que não aceitou falar com a reportagem.

---

<sup>33</sup> Disponível em: < <http://tv.r7.com/record-play/minas-gerais/balanco-geral-mg/videos/disturbio-faz-idosa-acumular-montanhas-de-lixo-em-casa-17102015>>. Acessado em 06 de agosto de 2016 as 15h55.

Mas, diferentemente da reportagem analisada anteriormente, aqui a repórter Helen Oliveira explica que a acumuladora, que juntava lixo desde 2005, sofre da doença Síndrome de Diógenes. Percebe-se um trabalho de qualidade ao verificar a presença, logo no início da reportagem, de um psicólogo, que apresenta informações sobre a doença. Além disso, a reportagem cita a dificuldade da família em conseguir assistência por parte do poder público, principalmente pela resistência da idosa. É possível observar que vários ângulos são abordados na reportagem. Roxana Tabakman diz que: “Aparecer na imprensa tem um custo emocional. Por isso, difundir a vida privada de pessoas anônimas demanda, em cada caso [...] uma reflexão legal e ética”. (TABAKMAN, 2013, p. 141).

É importante destacar o trabalho de apuração na reportagem, mas há também a necessidade de destacar os comentários do apresentador que não acrescentaram informações, principalmente quando o mesmo ironiza a doença.

Lage entende que:

O risco do jornalismo interpretativo é subordinar a matéria a crenças ou teorias não comprovadas, transformando informação em opinião, diante do qual o receptor poderá apenas concordar ou discordar. Mas exatamente esse viés de tendenciosidade [...] é saudado com entusiasmo pelos militantes políticos engajados em campanhas que objetivam o controle da opinião pública. (LAGE, 2008, p. 137).

#### **4.2.4 TV Globo**

Esta pesquisa encontrou seis vídeos com a palavra-chave “Síndrome de Diógenes” referentes à cobertura jornalística da TV Globo. Não houve menção às palavras-chave “transtorno de acumulação” ou “acumulação compulsiva”.

A primeira menção é feita no jornal da EPTV, pertencente à Rede Globo nas cidades de Ribeirão Preto e Franca. A matéria que tem como título “Querida tirá-las da

sujeira', diz irmã de acumuladoras em Ribeirão Preto, SP"<sup>34</sup>, foi exibida em 26/02/2015 e relata que duas acumuladoras, identificadas como Brasília de 61 anos e Marlene de 54, foram encaminhadas para um hospital psiquiátrico da região, por decisão do Ministério Público.

A reportagem tem um foco ligado a segurança, pois no princípio a reportagem refere que a família foi encaminhada à Delegacia da região para prestar depoimento sobre a situação das idosas, que além de todos os problemas relacionados à acumulação compulsiva, também adquiriram várias dívidas.

A reportagem também cita que alguns familiares também sofreram e sofrem com a acumulação, caso de uma irmã das acumuladoras que faz tratamento para amenizar os efeitos da doença.

Como fontes oficiais foram entrevistados um delegado e uma representante da área de saúde do município de Ribeirão Preto. A reportagem também informou que foram retirados vinte caminhões de lixo da residência.

Apesar de a matéria ser curta (em relação às reportagens da TV Record), com 3m50s, a abordagem de vários ângulos (poder público, vizinhança e profissional da saúde) favoreceu para o entendimento do espectador.

No dia 27/02/2015, a emissora deu seguimento ao assunto acima citado e repercutiu o trabalho de limpeza da casa no Jornal EPTV, na reportagem com o título "Idosas acumuladoras são levadas para hospital psiquiátrico em Ribeirão Preto"<sup>35</sup>. Nesta feita, informações atualizadas foram passadas ao espectador, além do uso de fontes oficiais.

Ao término da reportagem, já no estúdio, os apresentadores explicaram ao espectador o que é a doença e repercutiram o caso com a ajuda do repórter Marcelo Ferri que entrevistou um especialista e trouxe uma informação, sem fonte, que "de cada dois mil idosos, um tem a Síndrome de Diógenes". Sobre a incidência da doença, dois pesquisadores de Minas Gerais, Barbara Perdigão Stumpf e Fábio Lopes

---

<sup>34</sup> Reportagem disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2015/02/queria-tira-las-da-sujeira-diz-irma-de-acumuladoras-em-ribeirao-preto-sp.html>>. Acessado em 06 de julho de 2016 as 19h20.

<sup>35</sup> Reportagem disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/jornal-da-eptv/videos/v/idosas-acumuladoras-sao-levdadas-para-hospital-psiquiatrico-em-ribeirao-preto/3997885/>>. Acessado em 06 de agosto de 2016 as 19h30.

Rocha<sup>36</sup>, em um estudo de caso, afirmam que a incidência anual da Síndrome de Diógenes (2010, p. 157) “[...] é de 5/10.000 entre aqueles acima de 60 anos que residem sozinhos ou com familiares, e pelo menos a metade é portadora de demência ou algum outro transtorno psiquiátrico”. É possível inferir que o repórter usou esta informação, não necessariamente desta fonte, para informar o espectador.

A participação in loco (em frente à residência das acumuladoras) de um psiquiatra favoreceu a compreensão do público sobre a doença.

Exibida em 23 de dezembro de 2015, a reportagem do jornal ESTV, da TV Gazeta<sup>37</sup>, afiliada da TV Globo no Espírito Santo, repercutiu a história de uma acumuladora compulsiva, que teve em sua casa a visita de um órgão público no mutirão contra o *Aedes Aegypti*, devido ao grande acúmulo de lixo dentro de sua casa e no quintal. Cajazera diz que:

Um texto de telejornalismo se constrói seguindo um roteiro que inclui offs (textos narrados em imagens pelo repórter ou apresentador), passagens (quando o repórter se dirige à câmera e fala) e sonoras (as falas dos entrevistados nas entrevistas). Tudo isso numa narrativa continuada, cujo drama é o fio condutor sobre algo desconhecido até então pelo enunciário do telejornal, mas passível de desenvolver determinada identificação diante da verossimilhança nos temas abordados num noticiário e a utilização de expressões de proximidade tais como: aqui e agora na intenção mimética de trazer a realidade dos fatos aos telespectadores com a narração de um texto audiovisual que prioriza pelos dramas sociais. (CAJAZERA, 2010, p. 74).

Antes da reportagem, duas informações importantes foram passadas ao espectador: a pessoa precisa de ajuda e há tratamento para a doença.

Na reportagem, o repórter César Fernandes apresentou o quintal da acumuladora, seguindo de entrevista com o irmão da enferma. A fala da acumuladora

---

<sup>36</sup> Disponível em: <<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0047-20852010000200012](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852010000200012)>. Acessado em 09 de abril de 2016 às 10h.

<sup>37</sup> Reportagem disponível em: <<http://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/2015/12/casa-de-acumuladora-no-es-e-alvo-de-mutirao-contra-o-aedes-aegypti.html>>. Acessado em 01 de julho de 2016 às 10h.

revela uma das características da doença: não aceitar que é acumuladora, ou seja, para o doente, o que se vê como lixo são objetos em bom estado e passíveis de uso.

A reportagem, concisa, informa que 21 caçambas foram usadas para retirar o lixo da casa da acumuladora, só do quintal da residência. A seguir, o repórter César Fernandes repercute outros casos de acumulação compulsiva, seguindo para explicação da doença.

Diferente de algumas reportagens exibidas pela TV Record, aqui o jornalista cita a doença como Síndrome de Diógenes. Todas as características da doença são passadas ao espectador. Também há entrevista com um profissional psiquiatra.

Outra questão colocada pela reportagem da TV Globo é o problema social acarretado pela acumulação. Além do psiquiátrico, são abordados os problemas ambientais que o acúmulo pode trazer, como a geração de doenças. O psiquiatra também lembra que há tratamento para o paciente por meio de medicamentos e acompanhamento psicoterápico.

Em suma, todas as nuances da doença foram abordadas na reportagem que conseguiu abordar vários temas referentes à doença.

No final do vídeo, já no estúdio a apresentadora informa que o jornal entrou em contato com a Secretaria de Saúde do Município, após o irmão da acumuladora reclamar sobre a dificuldade de tratamento. Com isso, emissora promoveu a Síndrome de Diógenes de forma completa, em apenas 3m54s.

Em 10/06/2015, a TV Anhanguera, afiliada da Globo em Goiás repercutiu dois casos de acumulação compulsiva, na reportagem intitulada “Aposentado acumula montanha de lixo dentro de casa, ‘Já me acostumei’”<sup>38</sup>. A apresentadora anuncia a reportagem comparando a acumulação compulsiva com o Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC).

O mundo tornou-se tão complicado, tão intenso o incremento da informação disponível, que o jornalista tem que ser alguém que cria, e

---

<sup>38</sup> Reportagem disponível em: < <http://g1.globo.com/goias/noticia/2015/06/aposentado-acumula-montanha-de-lixo-dentro-de-casa-ja-me-acostumei.html>>. Acessado em 06 de agosto de 2016 as 20h.

não só transmite, um organizador, e não só um intérprete, alguém que junte os fatos e os torne acessíveis. Além de saber como redigir informações de imprensa ou como contá-las nos meios audiovisuais, deve descobrir como fazê-las chegar à mente de seu público. (LAGE, 2008, p. 142).

A reportagem inicia com a repórter Giovana Dourado tentando entrar na casa do acumulador, identificado como José Carneiro. Ela relata e mostra a dificuldade de adentrar à residência. Seguindo o mesmo caminho de reportagens exibidas pela TV Record, a repórter indaga o acumulador sobre a situação.

A seguir, traz dados sobre a doença, como a existência de 50 casas na cidade de Goiânia que apresentam características de acumulação de lixo. Fontes ligadas à saúde foram entrevistadas.

É possível observar que a matéria, além de tratar sobre a acumulação compulsiva, também fez o link com a Dengue. A informação sobre a existência de 422 casos de dengue (com fontes) durante o ano no bairro Setor Campinas, onde o acumulador reside.

Outro bairro visitado pela reportagem foi a Vila Santa Helena, onde outro acumulador reside. Novamente a reportagem fez o link com a dengue, um dos problemas que podem acarretar o acúmulo de lixo. Neste segundo caso, a repórter lembrou que há quatro anos houve a limpeza na residência e tratamento para o acumulador, de mais de 70 anos. Mas os problemas de acúmulo retornaram após algum tempo.

Após o término da reportagem, a apresentadora novamente compara a doença com o Transtorno Obsessivo Compulsivo. Apesar de não haver estudos significativos, existem diferenças distintas entre os portadores do TOC e da Síndrome de Diógenes. No primeiro caso, de acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5)<sup>39</sup>, não há uma angústia muito grande no indivíduo e a aquisição de objetos não está presente no dia a dia da pessoa, ao não ser que exista uma obsessão específica sobre um tipo de objeto.

---

<sup>39</sup> As informações citadas estão disponíveis no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), traduzido pela Associação Brasileira de Psiquiatria. Edição de 2014, páginas 291 e 292.

Já na síndrome existe uma obsessão em acumular qualquer objeto, pois o desejo do portador é possuir bens, independente de sua qualidade para o uso. É comum que os portadores da Síndrome de Diógenes acumulem bens que já não servem para nada, como por exemplo lixo, fraldas usadas ou comidas estragadas, entre outras quinquilharias (NICOLAU, 2015). Cabe ao profissional de saúde mental diagnosticar o paciente com a síndrome ou com o TOC.

Em suma, a reportagem aproveitou a epidemia de dengue para cobrir um outro assunto, que é a acumulação compulsiva. Por meio de dados oficiais e entrevistas com representantes do governo, pôde-se observar que a reportagem informou o espectador.

A ressalva se faz a colocação da apresentadora que comparou dois problemas distintos. Isso pode comprometer o entendimento do público ao lidar com a doença.

Por meio da frequência com que determinado tema é veiculado, de sua incidência, da cumulação e informações sobre ele, o público acaba sendo influenciado e tem seu interesse voltado para aquilo que a mídia pôs em discussão. Aquilo que não existe para a mídia (é ignorado por ela), não existe socialmente. (AMARAL FILHO, 2011, p. 93-94).

Uma das mais extensas coberturas da Síndrome de Diógenes foi realizada no programa da TV Globo, Profissão Repórter. No ar em 31/08/2016 (último dia do período de análise deste estudo), o programa abordou o tema “Acumuladores”<sup>40</sup>. Caco Barcellos e jovens repórteres, Guilherme Belarmino e Eliane Scardovelli investiram quase 35 minutos para abordar a rotina dos acumuladores compulsivos.

O primeiro caso mostrado por Guilherme Belarmino foi de acumulação animais. O acumulador é identificado como Ádio Nunes, de 84 anos. Pelo menos 70 cães residiam com o acumulador, que vivia há mais de quarenta anos com a doença. O repórter entrevistou uma psicóloga e revelou dados como o número de acumuladores de animais no Rio Grande do Sul, que chega a trinta casos.

---

<sup>40</sup> Programa especial sobre acumuladores exibido pela TV Globo. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5274894/>>. Acessado em 10 de setembro de 2016 as 10h.

O segundo caso mostrado, desta vez pelo jornalista Caco Barcellos, foi de Idalece, moradora da cidade de São Paulo. Foi possível observar que a acumuladora tinha preferência por objetos que remetem ao mundo infantil, como bonecas e roupas. Mas instrumentos musicais, relógios e outros objetos também fazem parte do acervo. Caco conheceu uma outra acumuladora, amiga de Idalece.

O terceiro caso é de Benedita, de 65 anos, moradora da cidade de Guarujá, no Estado de São Paulo. A repórter Eliane Scardovelli, além de entrevistar a acumuladora, também entrevistou uma assistente social. O termo “intervenção”, usado pela assistente social, que significa o trabalho de limpeza no local onde há acúmulo, foi explicado pela repórter. Da residência desta acumuladora, quatro caminhões de lixo foram retirados no mês de fevereiro de 2016. Mas a mesma voltou aos hábitos de acumulação. A repórter lembra que dona Benedita nunca foi encaminhada para um tratamento psicológico.

O quarto caso, mostrado por Guilherme Belarmino, é de Paulo Amaral, de 55 anos, de Porto Alegre, que acumulava 50 animais, entre cães e gatos. A Prefeitura foi consultada e respondeu que 120 cães já foram retirados da residência em outra oportunidade, mas Paulo voltou a acumular animais. A Prefeitura também informou que acompanha o acumulador, com visitas permanentes.

O quinto e último foi mostrado pela repórter Eliane Scardovelli. Ela teve oportunidade de entrar numa residência de um acumulador, que estava sendo limpa pela prefeitura de Guarulhos. O morador da casa, Willian Ferreira, de 76 anos, faleceu e a família solicitou a retirada do lixo. Em três dias de trabalho de limpeza, foram retiradas 25 toneladas de madeira e 38 toneladas de lixo da residência.

Analisando esta cobertura jornalística, é possível inferir que há características da Teoria de Newsmaking. O jornalista Nemézio Amaral Filho explica:

Não se trata de censura, mas sim de distorção involuntária e impossível de ser evitada. Características como ‘furo de reportagem’ (a notícia exclusiva em primeira mão), o acesso às fontes, a dramaticidade do evento e sua previsibilidade determinam aquilo que pode ser chamado de ‘informação jornalística’. (AMARAL FILHO, 2011, p. 102).

Segundo Amaral Filho “[...] é, assim, uma pesquisa participante (aquela que admite o convívio com os pesquisados [acumuladores]) e etnográfica (em que determinado grupo é analisado com mais cuidado). (AMARAL FILHO, 2011, p. 102).

Há também a ideia de continuidade, houve o retorno dos repórteres às residências dos acumuladores.

Segundo Lage:

A reportagem de ciência e tecnologia cumpre algumas funções básicas: informativa; educativa; social; cultural; econômica; político-ideológica. Ao informar, complementa e atualiza conhecimentos e, neste sentido, educa; ao transmitir conhecimento, tua sobre a sociedade e a cultura, determinando escolhas econômicas e, no fim, opções político-ideológicas. (LAGE, 2008, p. 122).

As entrevistas realizadas no programa se limitaram aos acumuladores, familiares, vizinhos e a amigos. Algumas exceções foram entrevistadas, como uma assistente social e uma psicóloga.

O que pode ser observado na reportagem é modelo de perfil. Segundo o jornalista Ricardo Kotscho:

Filão mais rico das matérias chamadas humanas, o perfil dá ao repórter a chance de fazer um texto mais trabalhado – seja sobre um personagem, um prédio ou uma cidade. Para isso, é preciso que se municie previamente sobre o tema que vai tratar: para ir fundo na vida de uma pessoa ou lugar, é preciso, antes de mais nada, conhecê-lo bem. (KOTSCHO, 2002, p.44).

Com observação nos dados coletados pelo estudo, no período entre 01/01/2014 a 31/08/2016, foram identificadas um reportagem na Rede TV!, três na TV Record e cinco reportagens com menções ao tema na TV Globo (incluindo a cobertura feita do Profissão Repórter). Não houve menções às palavras-chave “acumulação compulsiva” e “transtorno de acumulação”.

#### 4. CONCLUSÃO

Quando se optou por este tema para a monografia, era evidente que haveria dificuldades em se conseguir fontes para a pesquisa. Alguns jornalistas e profissionais da saúde não se interessaram em participar deste trabalho, o que dificultou a busca por entrevistas. Mas a participação das jornalistas Roxana Tabakman e Cristiane Segatto acresceu robustez técnica e conceitual ao trabalho apresentado.

Na internet, o que se pôde perceber é que há um razoável número de citações sobre a doença, mas a maioria sem conteúdo jornalístico. Isso também prejudicou o prosseguimento do trabalho por diversas vezes, cujo objetivo era avaliar a cobertura jornalística do assunto.

Mas a grande surpresa para esta pesquisa foi perceber que o número de menções à doença, nos termos pesquisados, foi maior na TV do que na internet. Boa parte das emissoras possuem em sua grade de programação jornais regionais, caso por exemplo, do SPTV em São Paulo. Isso favorece que assuntos com menor visibilidade em jornais nacionais tenham cobertura (caso da Síndrome de Diógenes).

As reportagens analisadas neste estudo foram, de forma geral, descritivas, ou seja, deram menor espaço para comentários ou aprofundamento sobre o assunto objeto da monografia. Em alguns momentos, foi possível inferir que houve certa superficialidade na abordagem do assunto e em outros momentos até desinformação. Na maioria das vezes, os apresentadores que emitiram opinião.

Outra característica observada nas reportagens foi sobre o termo usado para tratar da doença. Em poucas ocasiões são usados os termos “transtorno de acumulação” ou “acumulação compulsiva”. O termo “Síndrome de Diógenes” é mais presente nas colocações, tanto dos repórteres quanto dos apresentadores. Torna-se positivo, pois auxilia na identificação correta da doença por parte do público.

Observou-se também a presença da teoria da Agenda Setting (Teoria do Agendamento). Ela se caracteriza por “[...] fazer com que determinados temas se tornem pautas de destaque” (AMARAL FILHO, 2011, p. 95). As reportagens, em sua maioria, são levadas ao ar em decorrência de situações de epidemia de dengue,

reclamações de vizinhos, política, economia, entre outros. A Teoria do Agendamento, segundo Traquina (2005) mostra que a mídia relata fatos de acordo com o que o público está interessado, que é caracterizada pelos critérios de noticiabilidade.

Uma questão importante a ser colocada é que, sobre a busca pelas palavras-chave aqui informadas durante o estudo, há algumas observações pertinentes. No que concerne às três palavras-chave (Síndrome de Diógenes, Transtorno de Acumulação e Acumulação Compulsiva) houve poucas menções à doença, como observado na análise quantitativa. Mas ao final da pesquisa, pôde-se observar que houve um grande número de reportagens em texto e vídeo nos portais G1, R7 e UOL, que abordam a doença, porém só foi possível acessá-las com a busca por outra palavra-chave: acumulador. No caso de Band, Rede TV! e SBT, a pesquisa não encontrou novas reportagens com a palavra-chave “acumulador”.

Isso mostra que a cobertura jornalística do tema, principalmente pela TV Globo, foi extensa, no período entre 01/01/2014 a 31/08/2016, ainda que em algumas oportunidades foram aproveitamentos de outras pautas, como pode-se observar na análise de uma das reportagens. No caso das publicadas nos portais, verificou-se superficialidade, como a falta de busca por fontes oficiais ou reportagens que só reproduziram conteúdo de telejornais.

Há que se precaver sobre a forma que as características da doença eram informadas na mídia. Erros como comparar a Síndrome de Diógenes com Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC), como ocorrido na reportagem exibida pela TV Globo de Goiânia, torna o entendimento do público sobre as doenças deficitário, podendo gerar confusão no espectador ou leitor.

Em todas as reportagens exibidas na TV ou publicadas na internet, aqui analisadas, infere-se que a cobertura foi sempre local, em todos os casos, exibidas em jornais regionais, como o “Balanço Geral” de São Paulo (TV Record), EPTV (TV Globo), entre outros. As únicas exceções se devem ao “Documento Verdade”, exibido pela Rede TV! e ao “Profissão Repórter”, da TV Globo. Nos portais, reportagens também se destinam a assuntos regionais.

O aprofundamento do tema em programas/jornais de alcance nacional poderia ser de grande incentivo para o conhecimento do espectador. Não houve menção em

telejornais como Jornal Nacional, Jornal da Record, SBT Brasil, Jornal da Band e Rede TV! News. Mas há que se considerar que, de todas as emissoras aqui pesquisadas, apenas a TV Globo abriu espaço para maior aprofundamento do assunto, com consulta às fontes oficiais, entrevistas com especialistas in loco e a busca por vários ângulos da notícia.

No caso da TV Record e Rede TV!, o uso de conceitos (ou preconceitos) foi evidenciado em comentários de apresentadores e repórteres. A espetacularização da notícia é notada em vários momentos durante as reportagens. Nesse quesito, os trabalhos realizados pela TV Globo foram mais contundentes e equilibrados. O estudo observou que a emissora ocupou menos tempo para as reportagens, mesmo assim, acresceu maior volume de informações aos espectadores, sem esboçar opinião.

A análise também concluiu que a cobertura jornalística do tema foi maior do que se imaginava no início do trabalho, quando se leva em consideração outros termos dados pela imprensa para a doença, não pesquisados para este estudo. Nos sites/portais das emissoras percebe-se que o assunto é abordado, porém com termos nem sempre comuns (acumuladores, por exemplo), o que pode prejudicar o encontro das reportagens pelo leitor/espectador.

Mas deve-se levar em consideração que os links estão disponíveis de forma gratuita aos internautas. Com isso, o trabalho conclui que se deve alargar a pesquisa, posteriormente, em outros trabalhos acadêmicos.

É preciso ressaltar que, se baseado nos termos mais comuns da Síndrome de Diógenes, que além do nome, também é conhecida como Transtorno de Acumulação e Acumulação Compulsiva, não seria possível alargar mais a pesquisa para outros termos, como acumuladores, por exemplo, cujo termo também apresenta maior número de menções nos portais e na TV. Portanto, é possível afirmar que o número de reportagens postadas ou exibidas é maior que as analisadas nesta pesquisa.

Ressalta-se também que os trabalhos jornalísticos aqui analisados se mostraram eficientes, em parte, na explicação das características da síndrome. As reportagens televisivas apresentaram maior volume de informações sobre a doença. Observa-se que houve desmembramento em algumas coberturas, com retorno da reportagem no local para acompanhar o desfecho da história. Isso também denota

que houve interesse jornalístico no assunto para conclusão do caso. Ou seja, o complemento da notícia foi feito, como resposta às perguntas: O que aconteceu com o acumulador? Quais as consequências após a reportagem ir ao ar? Como estão as pessoas envolvidas, direta ou indiretamente, no assunto?

Apesar de o estudo não ter analisado outros termos como “acumuladores”, é possível inferir que também há uma pretensão jornalística em cobrir assuntos de interesse público por parte dos meios internet e TV aberta, ao contrário do que se imaginava no início deste trabalho.

Evidenciou-se, por meio da pesquisa quali-quantitativa, a existência de critérios de noticiabilidade na cobertura jornalística da Síndrome de Diógenes. Roxana Tabakman diz que: “O que a imprensa divulga é uma pequena parte do que diariamente chega às redações”. (TABAKMAN, 2013, p. 104). O estudo concluiu que o assunto só tem cobertura jornalística em telejornais locais (regionais). Não há cobertura em telejornais de rede.

Ao confrontar a cobertura jornalística com as teorias jornalísticas apresentadas nesta monografia, observou-se que o uso de recursos, como fundo musical, deu a algumas reportagens um tom sensacionalista, o que prejudicou a qualidade das mesmas. No entanto, a busca por vários ângulos em outras reportagens tornou-se fundamental para qualidade na cobertura, sobretudo de um assunto que tem ramificações intensas no meio ambiente e na área da saúde.

Por fim, este estudo aqui apresentado acredita que a análise de um assunto importante como a Síndrome de Diógenes no meio jornalístico, em especial internet e televisão aberta, abre espaço para outras reflexões e desmembramentos em trabalhos futuros.



## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL FILHO, Nemézio. **O passo a passo da monografia em jornalismo**. 2011.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al. **Manual diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais-: DSM-5**. Artmed Editora, 2014.
- BARCELLOS, Caco; KALILI, Narciso. **Rota 66**. Editora Globo, 1992.
- BELO, E. **Livro-reportagem**. São Paulo. Editora Contexto, 2006.
- BURKETT, Warren. **Jornalismo científico: como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.
- DALMONTE, Edson Fernando. **Pensar o discurso no webjornalismo: temporalidade, paratexto e comunidades de experiência**. Edufba, 2009.
- DE MELO, José Marques. **Jornalismo: compreensão e reinvenção**. Editora Saraiva, 2000.
- DE OLIVEIRA, Fabíola. **Jornalismo científico**. Editora Contexto, 3. ed. São Paulo. 2010.
- DORNELES, Carlos. **Bar Bodega: um crime de imprensa**. Globo Livros, 2007.
- DUARTE, Rosália. **Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo**. *Cadernos de pesquisa*, v. 115, n. 1, p. 139-54, 2002.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. Editora Record, 2004.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Aleph, 2015.
- KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. 4<sup>a</sup> ed. São Paulo: Ática, 2002.
- LAGE, Nilson. **A reportagem**. Editora Record, 2001.
- LIMA, E. P. **O que é livro-reportagem**. Editora Brasiliense, 1993.
- LUNA, Sérgio Vasconcelos. **Planejamento de pesquisa: elementos para uma análise metodológica**. São Paulo: EDUC, 1998.
- MCLUHAN, Marshall; FIORE, Quentin. **Os meios são as mensagens**. Rio de Janeiro: Record, 1969.
- RIBEIRO, Alex. **Caso Escola Base: os abusos da imprensa**. Editora Ática, 1995.
- TABAKMAN, Roxana. **A saúde na mídia: medicina para jornalistas, jornalismo para médicos**. Summus Editorial, 2013.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. Insular, 2005.

## 7. REFERÊNCIAS WEBGRÁFICAS

- AGÊNCIA BRASIL. IBGE: **40% dos brasileiros têm televisão digital aberta**. Abr. 2016. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-04/ibge-embarcada-ate-amanha-10h-0604>>. (Acesso em 01 de julho de 2016).
- ALMEIDA, R. M. R., **Síndrome de Diógenes: Revisão Sistemática da Literatura**. 2010/2011. Disponível em: <<http://ria.ua.pt/bitstream/10773/5292/1/5107.pdf>>. (Acesso em 01 de julho de 2016).
- ALMEIDA, R.; RIBEIRO, O. **Síndrome de Diógenes: revisão sistemática da literatura**. *Revista Portuguesa de Saúde Pública*, v. 30, n. 1, p. 89-99, 2012. Disponível em <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0870902512000119>> (Acesso em 20 de abril de 2016).
- BARGA, Gervais. FLEURY, Jean-Mark. **Lição 5. O que é ciência?**. Disponível em: <[http://www.wfsj.org/course/pt/pdf/mod\\_5.pdf](http://www.wfsj.org/course/pt/pdf/mod_5.pdf)>. (Acesso em 13 de outubro de 2016).
- BERTOLLI FILHO, Claudio. **Elementos fundamentais para a prática do jornalismo científico**. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação (BOCC). Disponível em: <<http://www.bocc.uff.br/pag/bertolli-claudio-elementos-fundamentais-jornalismo-cientifico.pdf>>. 2006. (Acesso em 03 de setembro de 2016)
- BRASIL, **Constituição Federal, Artigos 196 e 200. Seção II da Saúde**. Disponível em: <[http://conselho.saude.gov.br/web\\_sus20anos/20anossus/legislacao/constituicaoefederal.pdf](http://conselho.saude.gov.br/web_sus20anos/20anossus/legislacao/constituicaoefederal.pdf)> (Acesso em 21 de maio de 2016).
- BRASIL, **Decreto lei nº 8.080 de 19 de setembro de 1980**. Dispõe sobre condições para promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes. Disponível em: <[http://conselho.saude.gov.br/legislacao/lei8080\\_190990.htm](http://conselho.saude.gov.br/legislacao/lei8080_190990.htm)> (Acesso em 14 de maio de 2016 às 12h34).
- CAJAZEIRA, Paulo Eduardo Silva Lins: **O texto de TV e o novo jornalismo literário**. 2010. Disponível em: <<http://www.fumec.br/revistas/index.php/mediacao/article/view/307/304>>. (Acesso em 25 de outubro de 2016).
- CAMELO, T. **Pessoas negligenciadas**. Jul. 2011. Disponível em: <<http://cienciahoje.uol.com.br/especiais/reuniao-anual-da-sbpc-2011/pessoas-negligenciadas>> (Acesso em 16 de abril de 2016).
- COSCARELLI, Carla Viana. **Textos e hipertextos: procurando o equilíbrio. Linguagem em (Dis)curso**, v. 9, n. 3, p. 549-564, 2010. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ld/v9n3/06.pdf>>. (Acesso em 20 de outubro de 2016).
- DEMOGRÁFICO, I. C. (2010). Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. (Acesso em 14 de maio de 2016).
- DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. 01 de dezembro de 2015. Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=112&data=01/12/2015>>. (Acessado em 14 de maio de 2016).
- DISTRITO FEDERAL. **Lei nº 5.502, de 16 de julho de 2015**. Estabelece regras para divulgação, orientação e tratamento da patologia Síndrome de Diógenes, conhecida como compulsão compulsiva, e dá outras providências. Disponível em: <<http://legislacao.cl.df.gov.br/Legislacao/consultaTextoLeiParaNormaJuridicaNJUR-400642!buscarTextoLeiParaNormaJuridicaNJUR.action>> (Acesso em 14 de maio de 2016).

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE INSTITUIÇÕES FILANTRÓPICAS DE APOIO À SAÚDE DA MAMA. **Sistema Único de Saúde e Legislação da Saúde no Brasil**. Disponível em: <<http://www.femama.org.br/novo/arquivos/0.641895001319480903.pdf>> (Acesso em 21 de maio de 2016).

GERONTOLOGIA ON-LINE, **Síndrome de Diógenes: Os Prisioneiros da Liberdade**. Disponível em: <<http://www.gerontologiaempauta.com.br/?p=2521>> (Acesso em 16 de abril de 2016).

IBOPE NIELSEN. **Entre janeiro e julho de 2015, 103 milhões de brasileiros acessaram à internet por meio de computador, em casa ou no trabalho**. Set. 2015. Disponível em: <<http://www.nielsen.com/br/pt/press-room/2015/Brasileiros-com-internet-no-smartphone-ja-sao-mais-de-70-milhoes.html>>. (Acesso em 01 de julho de 2016).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estatística de Gênero**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0&cat=-1,-2,-3,78,40,60,8,128&ind=4711>>. (Acesso em 14 de maio de 2016).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional de Saúde**. 2013. Disponível em: <<ftp://ftp.ibge.gov.br/PNS/2013/pns2013.pdf>>. (Acesso em 13 de outubro de 2016).

NICOLAU, M. **Prevenção da insalubridade habitacional relacionada com a Síndrome de Diógenes**. 2015. Tese de Doutorado. Disponível em: <<http://repositorio.ipsantarem.pt/handle/10400.15/1322>> (Acesso em 21 de abril de 2016).

PORTAL DA SAÚDE. **Pesquisa sobre o uso do Sistema Único de Saúde pelos brasileiros**. Disponível em: <http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/cidadao/principal/agencia-saude/17961-71-dos-brasileiros-tem-os-servicos-publicos-de-saude-como-referencia> >. (Acesso em 21 de maio de 2016).

PORTAL G1. **Acúmulo obsessivo de objetos pode se tornar doença, dizem especialistas**. Jan. 2016. Disponível em: <<http://glo.bo/1TJvbtD>>. (Acesso em 06 de agosto de 2016).

PORTAL G1. **Descontrole em acumular coisas pode se tornar doença, alerta médico**. Dez. 2014. Disponível em: <<http://glo.bo/1BXYcl0>>. (Acesso em 06 de agosto de 2016).

PORTAL G1. **São Paulo vai dar atendimento a pessoas que acumulam objetos e animais**. Dez. 2015. Disponível em: <<http://glo.bo/1OY0ZMD>>. (Acesso em 06 de agosto de 2016).

PORTAL IG. **Idosa com transtorno psicológico acumulava lixo dentro de casa há 20 anos**. Out. 2015. Disponível em: <<http://bahia.ig.com.br/2015/10/02/idosa-com-transtorno-psicologico-acumulava-lixo-dentro-de-casa-ha-20-anos>>. (Acesso em 06 de agosto de 2016).

PORTAL R7. **Mulher com Síndrome de Diógenes acumula lixo em casa e marido sofre com sujeira e mau cheiro**. Jun. 2014. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/balanco-geral/fotos/mulher-com-sindrome-de-diogenes-acumula-lixo-em-casa-e-marido-sofre-com-sujeira-e-mau-cheiro-confira-11062014>>. (Acesso em 06 de agosto de 2016).

PORTAL TERRA. **Começa limpeza na casa do homem com Síndrome de Diógenes**. Jan. 2016. Disponível em: <<https://noticias.terra.com.br/brasil/catve/videos/comeca-limpeza-na-casa-do-homem-com-sindrome-de-diogenes,8020364.html>>. (Acesso em 06 de agosto de 2016).

PORTAL UOL. **Conheça 12 quartos mais bagunçados que o seu, se é que é possível**. Mai. 2015. Disponível em: <<http://noticias.bol.uol.com.br/fotos/entretenimento/2015/05/10/conheca-12-quartos-mais-baguncados-que-o-seu-se-e-que-e-possivel.htm#fotoNav=7>>. (Acesso em 06 de agosto).

PORTAL UOL. **O aeroporto é sua casa. Seu time é o mundo real**. Jul. 2015. Disponível em: <<http://trivela.uol.com.br/especial/o-aeroporto-e-sua-casa-seu-time-e-o-mundo-real/>>. (Acessado em 06 de agosto de 2016).

PORTAL UOL. **Prefeitura limpa terreno de acumulador**. Jan. 2016. Disponível em: <<http://cgn.uol.com.br/noticia/163991/prefeitura-limpa-terreno-de-acumulador>>. (Acesso em 06 de agosto de 2016).

PORTAL UOL. **Vida em desordem**. Jan. 2014. Disponível em: <[http://www2.uol.com.br/vivermente/noticias/a\\_vida\\_em\\_desordem.html](http://www2.uol.com.br/vivermente/noticias/a_vida_em_desordem.html)>. (Acesso em 06 de agosto).

REDE TV!. **Programa Documento Verdade**. Exibido em 28/01/2016. Disponível em: <<http://www.redetv.uol.com.br/jornalismo/documentoverdade/videos/ultimos-programas/tem-que-viver-nao-tem-outro-jeito-diz-idosa-que-encheu-a-casa-de-lixo>>. Acessado em 06 de agosto de 2016 as 15h12.

RITTER, Eduardo. **New Journalism: O Ponto de Convergência entre jornalismo e literatura**. In: Trabalho apresentado durante o Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, em. 2011. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2011/resumos/R25-0202-1.pdf>>. (Acesso em 28 de agosto de 2016).

SÃO PAULO. **Portaria Nº 1.575, de 19 de outubro de 2015**. Institui o Comitê Intersecretarial de Enfrentamento do Transtorno de Acumulação, no âmbito do Município de São Paulo, com a atribuição de formular e acompanhar a implantação da Política de Atendimento às pessoas com Transtorno de Acumulação e outros casos em que seja observada a acumulação de objetos e animais, com potencial risco à saúde individual e coletiva. Disponível em: <[ftp://ftp.saude.sp.gov.br/ftpssesp/bibliote/informe\\_eletronico/2015/iels.out.15/lels195/M\\_PT-SGM-1575\\_191015.pdf](ftp://ftp.saude.sp.gov.br/ftpssesp/bibliote/informe_eletronico/2015/iels.out.15/lels195/M_PT-SGM-1575_191015.pdf)> (Acesso em 14 de maio de 2016).

SILVA, Q. R. **Síndrome de Diógenes: Comparação entre casos Clínicos**. 19/02/2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7q06Lj6NwpE>> (Acesso em 09 de abril de 2016).

SÍNDROME DE DIÓGENES. TV Informativo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qlrHEKZR1FU>> (Acesso em 16 de abril de 2016).

STUMPF, B. P.; ROCHA<sup>1</sup>, F. L. **Síndrome de Diógenes**. J Bras Psiquiatr, v. 59, n. 2, p. 156-159, 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0047-20852010000200012](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852010000200012)> (Acesso em 09 de abril de 2016).

TV GLOBO. Reportagem exibida no jornal EPTV, TV Globo de Ribeirão Preto e Franca, em 26/02/2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2015/02/queria-tira-las-da-sujeira-diz-irma-de-acumuladoras-em-ribeirao-preto-sp.html>>. (Acesso em 06 de julho de 2016).

TV GLOBO. Reportagem exibida no jornal EPTV, da TV Globo de Ribeirão Preto e Franca, em 27/02/2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/jornal-da-eptv/videos/v/idosas-acumuladoras-sao-levadas-para-hospital-psiquiatrico-em-ribeirao-preto/3997885/>>. (Acesso em 06 de agosto de 2016).

TV GLOBO. Reportagem exibida no programa Profissão Repórter da TV Globo em 31/08/2016. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5274894/>>. Acessado em 10 de setembro de 2016 as 10h.

TV GLOBO. Reportagem exibida pela TV Globo do Espírito Santo em 23/12/2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/2015/12/casa-de-acumuladora-no-es-e-alvo-de-mutirao-contra-o-aedes-aegypti.html>>. (Acesso em 01 de julho de 2016).

TV GLOBO. Reportagem exibida pela TV Globo de Goiás em 10/06/2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/2015/12/casa-de-acumuladora-no-es-e-alvo-de-mutirao-contra-o-aedes-aegypti.html>>. (Acesso em 06 de agosto de 2016).

TV RECORD. Reportagem exibida no programa Balanço Geral de Minas Gerais em 17/10/2015. Disponível em: < <http://tv.r7.com/record-play/minas-gerais/balanco-geral-mg/videos/disturbio-faz-idosa-acumular-montanhas-de-lixo-em-casa-17102015>>. (Acesso em 06 de agosto de 2016).

TV RECORD. Reportagem exibida no programa Balanço Geral de São Paulo em 11/06/2014. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/balanco-geral/videos/moradores-tentam-ajudar-idoso-que-vive-em-meio-a-entulhos-em-apartamento-em-sp-27102015>>. (Acesso em 06 de agosto de 2016).

TV RECORD. Reportagem exibida no programa jornalístico Balanço Geral de São Paulo em 15/10/2015. Disponível em: < <http://noticias.r7.com/balanco-geral/videos/acumuladora-com-sindrome-de-diogenes-precisa-de-ajuda-em-sua-casa-15102015>>. (Acesso em 06 de agosto de 2016).

## ANEXO A – Entrevista com a jornalista Roxana Tabakman

**ESCREVER**

Entrada (14)

Com estrela

Bate-papos

Enviados

Rascunhos

Spam (1)

Lixeira

[Imap]/Caixa de saída

[Imap]/Enviados

[Imap]/Lixeira

[Imap]/Rascunhos

5º SEMESTRE JOR

6º Semestre Jornalismo

7º SEMESTRE

ABA - CURSO INGL

ENTRADA HOTMAIL

ENTREVISTAS (11)

INGLÊS (2)

JORNALISMO - CUR

Reclamações empresas

RHC

senhas

TCC (1)

UNISA - FINANCEIRO

UNISA - RECLAMAÇ...

WAGNER - JORNALI...

Mais ▾

**Guinho César** <wagnercesarfernandes@gmail.com>

para rtabakman ▾

10 de out ☆

Olá Roxana.

Conforme contato pelo Facebook, seguem as perguntas:

---

1. A Síndrome de Diógenes acomete cada vez mais pessoas no Brasil, mas a mídia não tem dado uma grande atenção para o assunto. Por ela ser uma doença de cunho mental, que leva a problemas de relacionamento, tanto com vizinhos quanto com a família, além de problemas ambientais (acúmulo de lixo), na sua opinião, por que a imprensa não cobre o assunto?
2. Já estamos último trimestre de 2016. Você acha que o jornalista, hoje, está preparado para falar de temas como a Síndrome de Diógenes no Brasil? Por quê?
3. No capítulo 3 do teu livro "A Saúde na Mídia", você fala sobre a dificuldade do jornalista em atrair seu público, mesmo quando o conteúdo escrito ou exibido é bem elaborado. Na sua opinião, é difícil falar sobre um assunto como a Síndrome de Diógenes em um meio onde o leitor ou espectador não tem interesse em conteúdos de qualidade? Porquê?
4. A Síndrome de Diógenes se caracteriza pelo acúmulo de objetos sem utilidade e a falta de asseio pela higiene. Por ser um assunto intrinsecamente ligado à sujeira, o jornalista tem certa repulsa em tratar do tema? Isso pode tirar o status do profissional?
5. Também no capítulo 3 do teu livro, você fala sobre a importância de entender o público. Sobre isso, você acha que o jornalista científico ainda não encontrou seu caminho no Brasil, visto termos poucos profissionais especializados em temas sobre saúde?
6. No capítulo 4 do teu livro, sua análise caminha pelo mundo do interesse público x o interesse do público. Esses critérios de noticiabilidade prejudicam a exposição de temas sobre saúde na imprensa brasileira?

**ESCREVER**

Entrada (14)

Com estrela

Bate-papos

Enviados

Rascunhos

Spam (1)

Lixeira

[Imap]/Caixa de saída

[Imap]/Enviados

[Imap]/Lixeira

[Imap]/Rascunhos

5º SEMESTRE JOR

6º Semestre Jornalismo

7º SEMESTRE

ABA - CURSO INGL

ENTRADA HOTMAIL

ENTREVISTAS (11)

INGLÊS (2)

JORNALISMO - CUR

Reclamações empresas

RHC

senhas

TCC (1)

UNISA - FINANCEIRO

UNISA - RECLAMAÇ...

WAGNER - JORNALI...

Mais ▾

7. Em sites, grande parte do conteúdo jornalístico sobre Síndrome de Diógenes trata do assunto de forma superficial, geralmente, replicando notícias e sem a participação de profissionais especialistas no assunto. Já na TV, o assunto, nas raras vezes em que houve cobertura, teve pouco tempo de vídeo, focando sempre no fato e não nas causas e consequências da doença. Qual a análise que você faz desse tipo de cobertura jornalística superficial?
8. Seu livro, lançado em 2013, ainda é muito atual e pode servir como referência para vários trabalhos. Com sua grande experiência nas áreas biológicas e de comunicação, além de já ter trabalhado em países como Argentina, Espanha e Israel e atualmente no Brasil, qual a análise que você faz da cobertura jornalística sobre ciência e tecnologia no nosso País?

---

Aproveito a oportunidade para lhe pedir que, havendo necessidade de envio de novas perguntas, diante de suas respostas, você me autorizar.

Agradeço desde já pela atenção. Será de fundamental importância para meu TCC.

Muito obrigado Roxana Tabakman.

**Wagner César Fernandes**

<https://www.facebook.com/sindromedediogenes2016/#>  
[www.blogdoquinhocesar.wordpress.com](http://www.blogdoquinhocesar.wordpress.com)

**ESCREVER**

Entrada (14)

Com estrela

Bate-papos

Enviados

Rascunhos

Spam (1)

Lixeira

[Imap]/Caixa de saída

[Imap]/Enviados

[Imap]/Lixeira

[Imap]/Rascunhos

5º SEMESTRE JOR

6º Semestre Jornalismo

7º SEMESTRE

ABA - CURSO INGL

ENTRADA HOTMAIL

ENTREVISTAS (11)

INGLÊS (2)

JORNALISMO - CUR

Reclamações empresas

RHC

senhas

TCC (1)

UNISA - FINANCEIRO

UNISA - RECLAMAÇ...

WAGNER - JORNALI...

Mais ▾

**Roxana Tabakman**

para mim ▾

16 de out (Há 11 dias) ☆

Prezado César,

Fique a vontade de corrigir meus erros de português.

Boa sorte no seu TCC

Roxana



1. A Síndrome de Diógenes acomete cada vez mais pessoas no Brasil, mas a mídia não tem dado uma grande atenção para o assunto. Por ela ser uma doença de cunho mental, que leva a problemas de relacionamento, tanto com vizinhos quanto com a família, além de problemas ambientais (acúmulo de lixo), na sua opinião, por que a imprensa não cobre o assunto?

**Falta de conhecimento. As redações sofreram com a crise no Brasil, num cenário internacional de retrocesso das mídias tradicionais. Os jornalistas, mal pagos e ao mesmo tempo com exigência de alta produtividade, não tem tempo de aprofundar em assuntos novos, e assim todos se ocupam dos mesmos assuntos. A falta de preparo profissional pode ser um agravante. Há também, em épocas eleitorais, menos espaço para tratar assuntos de saúde.**

2. Já estamos último trimestre de 2016. Você acha que o jornalista, hoje, está preparado para falar de temas como a Síndrome de Diógenes no Brasil? Por quê?  
**Não tenho conhecimento de uma avaliação a respeito.**

3. No capítulo 3 do teu livro "A Saúde na Mídia", você fala sobre a dificuldade do jornalista em atrair seu público, mesmo quando o conteúdo escrito ou exibido é bem elaborado. Na sua opinião, é difícil falar sobre um assunto como a Síndrome de Diógenes em um meio onde o leitor ou espectador não tem interesse em conteúdo de qualidade? Porquê?

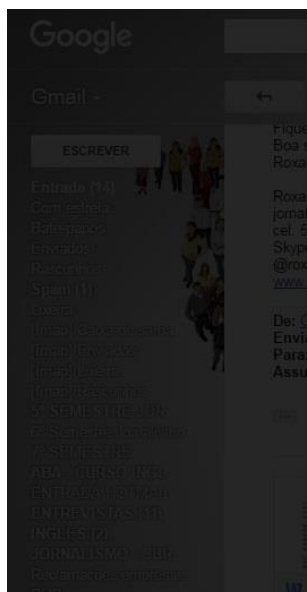
**sensacionalismo.**

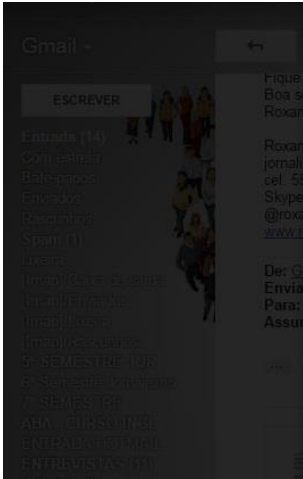
4. A Síndrome de Diógenes se caracteriza pelo acúmulo de objetos sem utilidade e a falta de asseio pela higiene. Por ser um assunto intrinsecamente ligado à sujeira, o jornalista tem certa repulsa em tratar do tema? Isso pode tirar o status do profissional?

**O jornalista tem que expor os assuntos de forma atraente, explicando as doenças de maneira acessível, reconhecendo sim o impacto das mensagens. Mas na grande maioria das vezes não é o repórter que escolhe os assuntos. Os editores, publishers, a cúpula editorial, são eles os que selecionam o que em termos gerais eles pensam que merece o tempo ou dinheiro do seu público. Partem de ideias próprias, nem sempre certas, complementadas pelos resultados das pesquisas. Mas estas que tem um certo valor em medir o interesse do que é oferecido, não são capazes de avaliar o interesse do público da grande parcela de informação que desconhece. E assim, o que se divulga e uma parte infinitesimal do que acontece no mundo.**

5. Também no capítulo 3 do teu livro, você fala sobre a importância de entender o público. Sobre isso, você acha que o jornalista científico ainda não encontrou seu caminho no Brasil, visto termos poucos profissionais especializados em temas sobre saúde?

**Há bastante pesquisa acadêmica sobre jornalismo e saúde, há muitos cientistas e médicos interessados na divulgação de assuntos de saúde, porem há muito potencial de melhora no jornalismo especializado. Os que fazem a cobertura destes assuntos são poucos, a grande maioria trabalha de forma precária (free lance), com pouco espaço ou tempo para divulgar as informações.**



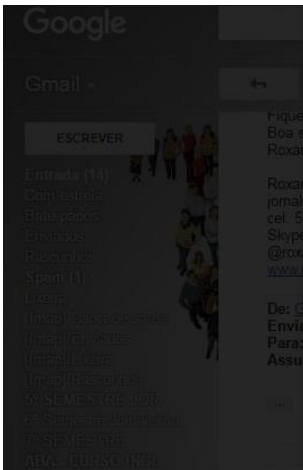


6. No capítulo 4 do teu livro, sua análise caminha pelo mundo do interesse público x o interesse do público. Esses critérios de noticiabilidade prejudicam a exposição de temas sobre saúde na imprensa brasileira?

**Podem se combinar de maneira eficaz.**

7. Em sites, grande parte do conteúdo jornalístico sobre Síndrome de Diógenes trata do assunto de forma superficial, geralmente, replicando notícias e sem a participação de profissionais especialistas no assunto. Já na TV, o assunto, nas raras vezes em que houve cobertura, teve pouco tempo de vídeo, focando sempre no fato e não nas causas e consequências da doença. Qual a análise que você faz desse tipo de cobertura jornalística superficial?

**Se a matéria não convidar a pensar em termos de doença, a divulgação da notícia do caso vai ser uma oportunidade perdida. A Saúde mental é uma área que atrai o interesse porque confronta ao homem a se perguntar sobre os limites da normalidade. Esta especialidade da medicina apresenta ao mesmo tempo dificuldades próprias, as vezes enfrenta questões de difícil diagnóstico, onde nem sempre há consenso sobre o melhor tratamento. Mas não é por isso deve ser tratado de forma superficial nem discutido por poucos e a portas fechadas. Os profissionais da área de comunicação precisam se engajar mais na busca constante de formas criativas e eficazes de comunicar os problemas de Saúde Mental.**



8. Seu livro, lançado em 2013, ainda é muito atual e pode servir como referência para vários trabalhos. Com sua grande experiência nas áreas biológicas e de comunicação, além de já ter trabalhado em países como Argentina, Espanha e Israel e atualmente no Brasil, qual a análise que você faz da cobertura jornalística sobre ciência e tecnologia no nosso País?

**As condições gerais da imprensa são ruins, mas a curiosidade humana sempre vai motivar a cobertura. No Brasil há potencial de melhora, é preciso trabalhar mais em redes profissionais, e recomendável investir tempo na melhora da qualidade da informação que está sendo oferecida. O caminho está sendo recorrido em outros países de Latino América com comprometimento em Redes de Jornalistas Científicos, que se ajudam uns aos outros, organizam palestras, oficinas com foco na divulgação de assuntos considerados difíceis como Saúde Mental. Tal vez a exigência brasileira de diploma em jornalismo seja um outro empecilho. Há muitos países, Espanha e Argentina são dois exemplos, em que profissionais formados em diversas áreas são treinados para trabalhar como jornalistas produzindo conteúdo especializado de alta qualidade.**

## ANEXO B – Entrevista com a jornalista Cristiane Segatto.

Gmail

ESCREVER

Entrada (14)  
Com estrela  
Bate-papos  
Enviados  
Rascunhos  
Spam (1)  
Lixeira  
[Imap]/Caixa de saída  
[Imap]/Enviados  
[Imap]/Lixeira  
[Imap]/Rascunhos  
5º SEMESTRE JOR  
6º Semestre Jornalismo  
7º SEMESTRE  
ABA - CURSO INGL  
ENTRADA HOTMAIL  
ENTREVISTAS (11)  
INGLÊS (2)  
JORNALISMO - CUR  
Reclamações empresas  
RHC  
senhas  
TCC (2)  
UNISA - FINANCEIRO  
UNISA - RECLAMAÇ  
WAGNER - JORNALI  
Mais

Guinho César <wagnercesarfernandes@gmail.com>  
para cristianes

13 de out

Olá Cristiane Segatto.

Conforme contato pelo Facebook, seguem as perguntas:

1. Como jornalista, qual a importância de cobrir temas sobre saúde?
2. Sabemos que a Síndrome de Diógenes acomete cada vez mais pessoas no Brasil. Em contrapartida, não há um crescimento na cobertura do assunto na mídia, salvo raras exceções. Na sua opinião, por que a imprensa não cobre o assunto?
3. No livro "A Saúde na Mídia" Roxana Tabakman diz que "a maioria dos jornalistas especializados considerados corretos, porém, se limita a "traduzir" a informação e tenta não cometer erros". Por não ser uma doença muito estudada no Brasil, você acha que o jornalista, hoje, está preparado para falar de temas como a Síndrome de Diógenes? Por quê?
4. Como colunista especializada há mais de vinte anos, quais foram as principais mudanças na cobertura jornalística sobre saúde no Brasil?
5. A Síndrome de Diógenes se caracteriza pelo acúmulo de objetos sem utilidade e a falta de asseio pela higiene. Por ser um assunto intrinsecamente ligado à sujeira, o jornalista tem certa repulsa em tratar do tema? Isso pode tirar o status do profissional?
6. Ao acessar os grandes portais de notícias do Brasil, notamos que colunas sobre saúde não estão com destaque na home. Você acha que isso prejudica o leitor encontrar informações segmentadas?
7. Na sua opinião, o jornalista científico ainda não encontrou seu caminho na internet brasileira, visto termos poucos profissionais especializados em temas sobre saúde? Por quê?
8. Na sua opinião, o chamado "critério de noticiabilidade" prejudica que assuntos como a Síndrome de Diógenes tenha uma maior cobertura na grande mídia, inclusive TV aberta?

9. Em sites, grande parte do conteúdo jornalístico sobre Síndrome de Diógenes trata do assunto de forma superficial, geralmente, replicando notícias e sem a participação de profissionais especialistas no assunto. Já na TV, o assunto, nas raras vezes em que houve cobertura, teve pouco tempo de vídeo, focando sempre no fato e não nas causas e consequências da doença. Qual a análise que você faz desse tipo de cobertura jornalística superficial de assuntos sobre saúde?

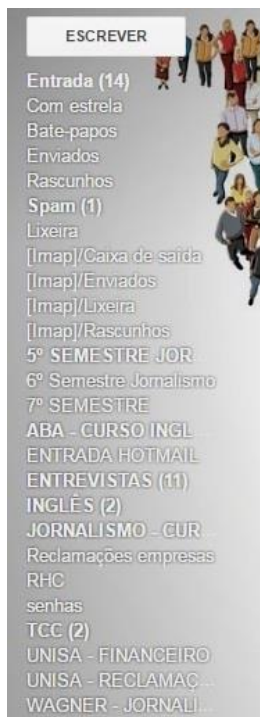
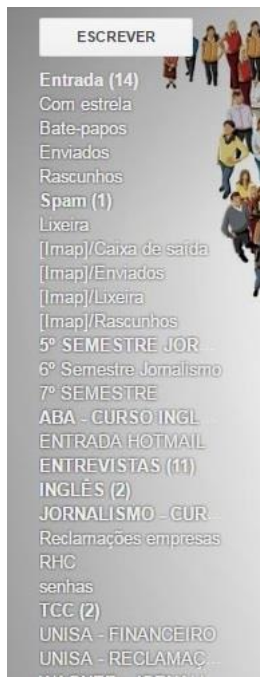
10. Ainda falando sobre cobertura jornalística, há alguns meses o Profissão Repórter tratou do tema Síndrome de Diógenes. Qual a importância dessa cobertura na principal emissora de TV aberta?

Havendo necessidade de nova(s) pergunta(s), você me autoriza enviá-la(s)?

Agradeço desde já pela atenção. Será de fundamental importância para meu TCC.

Muito obrigado Cristiane Segatto.

**Wagner César Fernandes**



Cristiane Segatto - Redação Época - Editora Globo

20 de out (Há 7 dias) ☆

para mim

Boa noite, Wagner. Seguem as respostas. Sorte e felicidades no TCC e na profissão!

**1. Como jornalista, qual a importância de cobrir temas sobre saúde?**

Escolhi me especializar em saúde porque essa é a área mais relevante na vida de qualquer pessoa. Em geral, essa importância só é percebida no momento do adoecimento. Cedo ou tarde, porém, todos nós vamos perceber que a saúde é o bem mais precioso que podemos ter. Como diz o ditado popular, "Saúde é o que interessa. O resto não tem pressa". É um tema riquíssimo para o bom jornalismo. A saúde envolve enormes dilemas e inúmeras abordagens possíveis. Saúde envolve ciência, filosofia, vida e morte, incertezas, superação, disputas de mercado...São muitas histórias incríveis para quem gosta de investigá-las.

**2. Sabemos que a Síndrome de Diógenes acomete cada vez mais pessoas no Brasil. Em contrapartida, não há um crescimento na cobertura do assunto na mídia, salvo raras exceções. Na sua opinião, por que a imprensa não cobre o assunto?**

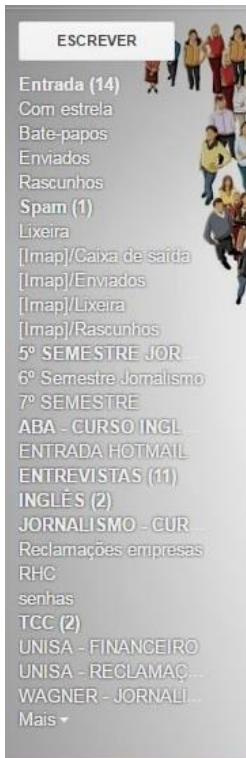
Muitas síndromes acometem cada vez mais pessoas no Brasil. O jornalista escolhe os temas que deseja tratar de acordo com alguns critérios. O principal deles é o ângulo inusitado. O bom jornalismo de saúde vai além da produção de listas de doenças e seus sintomas. Isso seria algo parecido com uma enciclopédia ou um dicionário médico. Não é esse o nosso objetivo. Não escrevemos reportagens sobre o assunto X ou Y. Não escrevemos "sobre" câncer, "sobre" coração, "sobre" esta ou aquela síndrome. O que importa é o olhar particular do jornalista sobre determinada história. Se ele enxergar um ângulo original, tiver um gancho interessante e se sentir atraído pela história, pode produzir uma ótima reportagem.

**3. No livro "A Saúde na Mídia" Roxana Tabakman diz que "a maioria dos jornalistas especializados considerados corretos, porém, se limita a "traduzir" a informação e tenta não cometer erros". Por não ser uma doença muito estudada no Brasil, você acha que o jornalista, hoje, está preparado para falar de temas como a Síndrome de Diógenes? Por quê?**

O jornalista não precisa ser especialista em nenhuma síndrome para produzir reportagens de excelência. O importante é que ele seja obstinado o suficiente para pesquisar as melhores evidências científicas, entrevistar as fontes mais confiáveis e ser sensível o suficiente para extrair dos doentes os depoimentos mais sinceros. Cubro saúde há mais de 20 anos e, felizmente, todos os dias aprendo alguma coisa nova. Se num dia o foco do repórter estiver nos acumuladores, em outro dia estará nos portadores de outras síndromes ou das doenças mais corriqueiras. Fará isso milhares de vezes ao longo da carreira – sempre com um novo olhar.

**4. Como colunista especializada há mais de vinte anos, quais foram as principais mudanças na cobertura jornalística sobre saúde no Brasil?**

A mudança mais radical foi o fácil acesso à produção científica mundial em apenas um clique. Antes da internet, o acesso aos artigos científicos era muito mais difícil. Dependíamos de bibliotecas, tudo levava mais tempo, encontrar os cientistas era algo complicado. Com a internet, todo jornalista de saúde pode ter acesso aos artigos dos principais periódicos científicos antes mesmo da publicação deles (por um sistema de embargo), pode encontrar e entrevistar especialistas de qualquer parte do mundo e estudar muito mais. Isso tudo aumentou a acurácia das informações publicadas pelos jornalistas. Basta que ele se empenhe na apuração e tenha tempo adequado para realizá-la. A qualidade das reportagens de saúde é proporcional ao tempo investido nelas. Não há milagre.



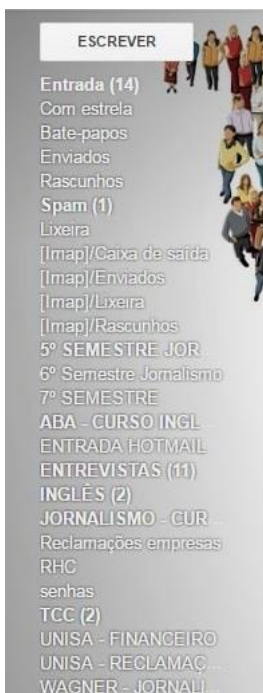
Há o outro lado da questão: a internet e as redes sociais também mudaram as formas de produção e levaram à rápida proliferação de conteúdos bons e ruins. Nas redes sociais, tudo fica misturado e sem curadoria. O leitor tem hoje a difícil missão de encontrar as boas agulhas no meio de um palheiro de lixo. Esse é o desafio do nosso tempo.

5. A Síndrome de Diógenes se caracteriza pelo acúmulo de objetos sem utilidade e a falta de asseio pela higiene. Por ser um assunto intrinsecamente ligado à sujeira, o jornalista tem certa repulsa em tratar do tema? Isso pode tirar o status do profissional?

Acho que o jornalista não sente repulsa por nenhum tema. Escrever uma história sobre acumuladores não prejudicaria a posição conquistada pelo profissional. O bom jornalista deve ser capaz de enxergar (e narrar) as grandes histórias que ninguém enxergou. Nada impede que o lixo seja cenário dessas histórias. A questão é enxergar esse ângulo surpreendente e se sentir atraído pela história a ser contada. Do contrário, o trabalho fica burocrático e desinteressante.

6. Ao acessar os grandes portais de notícias do Brasil, notamos que colunas sobre saúde não estão com destaque na home. Você acha que isso prejudica o leitor encontrar informações segmentadas?

Tenho uma percepção diferente. Se vc entrar no UOL, por exemplo, e clicar em "notícias", a editora de "saúde e ciência" é uma das primeiras a aparecer. É natural que as matérias de Política, Economia, Lava Jato etc, recebam maior destaque (principalmente neste momento do país). De forma geral, Globo.com; G1, Veja, Época, Folha, Estadão etc, valorizam a cobertura de Saúde. Muitas vezes, notícias dessa área ocupam a parte superior da homepage. É claro que poderíamos ter mais jornalistas cobrindo o assunto e de forma contínua. Concordo que a cobertura poderia ser melhor, mas isso só vai acontecer se os leitores estiverem interessados em pagar



ser melhor, mas isso só vai acontecer se os leitores estiverem interessados em pagar por ela. Com as redes sociais, os leitores se acostumaram a consumir conteúdo de graça. Enquanto a questão do financiamento não se resolver, a crise do jornalismo vai se aprofundar.

7. Na sua opinião, o jornalista científico ainda não encontrou seu caminho na internet brasileira, visto termos poucos profissionais especializados em temas sobre saúde? Por quê?

Conheço vários jornalistas especializados em Ciência/Saúde que mantêm blogs e fazem um trabalho bastante qualificado. O que eles ainda não encontraram, infelizmente, é uma forma de financiar esse trabalho.

8. Na sua opinião, o chamado "critério de noticiabilidade" prejudica que assuntos como a Síndrome de Diógenes tenha uma maior cobertura na grande mídia, inclusive TV aberta?

Na minha opinião, "notícia" é toda história original e bem contada. Se o repórter encontrar um ângulo original para falar sobre acumuladores (alguma coisa que ainda não tenha sido dita ou que seja dita de forma surpreendente), nada impede que o tema seja retratado.

9. Em sites, grande parte do conteúdo jornalístico sobre Síndrome de Diógenes trata do assunto de forma superficial, geralmente, replicando notícias e sem a participação de profissionais especialistas no assunto. Já na TV, o assunto, nas raras vezes em que houve cobertura, teve pouco tempo de vídeo, focando sempre no fato e não nas causas e consequências da doença. Qual a análise que você faz desse tipo de cobertura jornalística superficial de assuntos sobre saúde?

Os temas de saúde merecem um tratamento aprofundado, em respeito a quem sofre e em respeito aos



Os temas de saúde merecem um tratamento aprofundado – em respeito a quem sofre e em respeito aos leitores. Uma notícia de saúde tratada de forma leviana provoca grandes estragos. Um exemplo recente é o caso da fosfoetanolamina (uma barbearagem jornalística que criou falsas esperanças, ocupou os Três Poderes e continua desperdiçando dinheiro público). No entanto, apurar reportagens com profundidade leva tempo e custa dinheiro. Se o leitor não aceita pagar para recebê-las, o resultado será mais desinformação e superficialidade.

**10. Ainda falando sobre cobertura jornalística, há alguns meses o Profissão Repórter tratou do tema Síndrome de Diógenes. Qual a importância dessa cobertura na principal emissora de TV aberta?**

O Profissão Repórter faz um trabalho sério e interessante no horário nobre da principal emissora do país. Foi, sem dúvida, uma contribuição para tornar o problema mais conhecido.

Um abraço,

**Cristiane Segatto**

Repórter especial – Revista Época

Colunista – Saúde e bem-estar – Época online

Comentarista – Boletim Saúde e bem-estar – Rádio CBN



**EDITORA GLOBO** / **GRUPO GLOBO**